

As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher



VALÊRI BRIÚSSOV

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher



VALÉRI BRIÚSOV

EDITORA
LUME

As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher

VALÊRI BRIÚSSOV

Tradução e notas: OLEG ALMEIDA

Posfácio: RONALDO CAGIANO

 EDITORA
LUME

Sumário

NOTAS DO EDITOR

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

UM ROMANCE SUI GENERIS

SOBRE O AUTOR

SOBRE O TRADUTOR

SOBRE O ENSAÍSTA

Pontos de referência

1. Cover
2. Table of Contents

NOTAS DO EDITOR

I. Todas as ideias, falas e descrições constantes neste livro são de total responsabilidade do autor, cujas obras refletem naturalmente o contexto histórico e sociocultural de sua época. Tendo por objetivo uma reprodução adequada, sempre autêntica e fiel, da literatura clássica, a Editora publica-o na íntegra, sem alterações ou adaptações de qualquer espécie, para que o público leitor o conheça tal como foi originalmente escrito e tire suas próprias conclusões a respeito dele.

II. Esta edição buscou, em todas as suas etapas, prezar pela integralidade do texto, municiando o leitor com notas explicativas e mantendo a originalidade de termos estrangeiros e remotos no decurso da obra. A pontuação, também com suas particularidades, remete à especificidade e à estilística da língua russa e do autor, com o uso amplo e recorrente de dois-pontos, por exemplo, bem como diálogos apresentados guardando a estrutura da novela idealizada por Briússov. O mesmo se aplica aos termos raros, arcaicos e inusitados que o tradutor tem feito questão de usar, no intuito de transpor o texto autoral, escrito naquele russo de princípios do século XX que torna inconfundíveis tanto a letra como o espírito dele, para o português brasileiro do século XXI.

*As Últimas Páginas do
Diário de Uma Mulher*

15 de setembro

Um acontecimento totalmente inesperado. Meu marido foi encontrado morto em seu gabinete. O assassino desconhecido esfacelou o crânio de Viktor com um haltere que geralmente fica em sua estante. O haltere ensanguentado está largado ali mesmo, no chão. As gavetas da escrivaninha foram arrombadas. Quando entraram no gabinete de Viktor, seu corpo ainda estava quente. O assassinato fora cometido ao amanhecer.

Há certa agitação inerte em nossa casa. Soluçante, Lídotchka¹ anda de cômodo em cômodo. Azafamada como está, a babá não deixa ninguém fazer coisa nenhuma. As empregadas acham que seu dever é ficar em silêncio. Quando pedi café, olharam para mim como se fosse uma perjura. Meu Deus, que sucessão de dias tormentosos é que espera por nós! Dizem lá que chegou a polícia.

No mesmo dia

Quem já não me atazanou hoje!

Os homens estranhos andavam pelos nossos quartos, deslocavam nossos móveis, escreviam sobre minha mesa, em meu papel...

Um investigador veio interrogar a todos, inclusive a mim. É um senhor de óculos, levemente grisalho e tão esguio que se parece com sua própria sombra. Acrescenta "pois é" a cada frase que pronuncia. Tive a impressão de que ele me suspeitava desse assassinato.

— Quanto dinheiro é que seu marido guardava em casa?

— Não sei.

— Onde seu marido esteve ontem à noite, antes de voltar para casa?

— Não sei.

— Com quem seu marido mais se encontrava nesses últimos tempos?

— Não sei.

— Pois é...

Como é que eu poderia saber disso tudo? Não me intrometia nos negócios do meu marido. Procurávamos viver de maneira a não atrapalharmos um ao outro.

O investigador perguntou ainda se eu suspeitava de alguém.

Respondi que não, exceto se fossem os inimigos políticos do meu marido. Pelas suas convicções, Viktor pertencia à extrema direita; durante a revolução², quando os farmacêuticos entraram em greve, ficou trabalhando numa farmácia. Foi naquela mesma época que nos enviaram uma carta anônima, com ameaças de matar Viktor.

Minha conjectura aparenta ser razoável, mas o investigador balançou indecentemente a cabeça em sinal de dúvida. Fez-me assinar as minhas respostas e disse que ainda me convocaria para aquela sua delegacia.

Depois do investigador, chegou a *maman*³.

Entrando em meu quarto, achou que lhe cumpria enxugar os olhos com um lenço e abrir-me os braços. Tive que fazer de conta que caía naqueles braços escancarados.

— Ah, Nathalie, que acidente terrível!

— Sim, *maman*, é terrível.

— Dá medo pensar quão próximos da morte estamos nós todos. Às vezes, a gente nem imagina que esteja vivendo seu último dia. Vi Viktor Valeriânovitch ainda no domingo, são e salvo!

Ao articular devido número de exclamações a mais, a *maman* passou ao que interessava.

— Diga-me, Nathalie: vocês devem ter uma fortuna das boas. O finado ganhava, pelo menos, vinte mil por ano. Além disso, recebeu a herança de sua mãe no ano retrasado.

— Não sei de nada, *maman*. Pegava aquele dinheiro que Viktor me deixava gastar com a casa e minhas despesas pessoais, e não me metia mais em nada.

— O finado deixou um testamento?

— Não sei.

— Por que é que você não perguntou a ele? O primeiro dever de um homem decente é pôr seus negócios financeiros em ordem.

— Só que talvez não houvesse nada a testar.

— Como assim? Vocês viviam bem abaixo dos seus meios. Com que é que Viktor Valeriânovitch podia gastar aquelas quantias que apurava?

— Quem sabe se não tinha outra família.

— Nathalie! Como é que pode falar assim quando o corpo do finado ainda está aqui, nesta casa?

Por fim, consegui dar a entender à *maman* que estava cansada, ou melhor, completamente exausta. A *maman* tornou a enxugar os olhos com seu lenço e, despedindo-se de mim, disse:

— O céu nos manda tais provações como uma advertência. Tem-se falado

mal de você, Nathalie, nesses últimos tempos. Agora tem um pretexto para mudar de conduta e tomar outra posição na sociedade. Aconselho-a, como sua mãe, a aproveitá-lo.

Ah, o mais custoso de tudo o que terei de vivenciar nos próximos dias são essas visitas dos parentes e conhecidos, os quais comparecerão com suas consolações e condolências. Entretanto, "não se pode infringir as formas estabelecidas do convívio social", como minha mãe diria a respeito disso.

Ainda no mesmo dia

Modest chegou tarde da noite. Eu tinha mandado não receber ninguém, mas ele entrou quase à força... ou Glacha não ousara fechar-lhe a porta.

Aparentemente emocionado, Modest falou muito, num tom passional. Não gostei daquele seu tom; já estava, além do mais, esgotada, de sorte que por pouco não acabamos brigando.

Logo de início, Modest passou a tratar-me por "tu". Jamais se tratara por "tu" em nossa casa. Eu disse a Modest que não era nada nobre usufruir assim de uma morte, que a morte sempre envolvia um mistério, e que aquele mistério era algo sagrado. Depois Modest chegou a dizer que não havia mais nenhum obstáculo entre nós dois, e que podíamos abertamente pertencer um ao outro.

Retorqui de modo bem ríspido: "Antes de tudo, quero pertencer a mim mesma". Pelo fim da nossa conversa, Modest perdeu totalmente a cabeça e quase se pôs a gritar que me cumpria provar, agora ou nunca mais, meu amor por ele, que ele nunca dissimulara seu ódio pelo meu marido... e muitas outras coisas igualmente pueris. Então o lembrei às claras de que já era tarde e de ser bem inoportuno prolongarmos sua visita naquele dia.

Conheço Modest o suficiente para ver que, despedindo-se de mim, ele estava enfurecido. Suas faces estavam pálidas, como as de uma estátua, e isso tornava, a par dos seus olhos em brasa, seu rosto infinitamente belo. Quis beijá-lo na hora, porém mantive um ar severo e lhe permiti, com frieza, que me beijasse a mão.

Entenda-se bem que nossa desavença não será longa: apenas nos encontraremos, da próxima vez, como se não tivéssemos tido desavença alguma. Há, na própria essência de Modest, algo inefavelmente atraente para mim, e não saberei definir este "algo" melhor do que com as palavras "uma chama gélida"... Os extremos dos temperamentos fundem-se, de maneira insólita, em sua alma.

1. Forma diminutiva e carinhosa do nome russo Lídia. ↔

2. Trata-se da chamada "primeira revolução russa", uma tentativa frustrada, muito

sangrenta, de abolir a monarquia na Rússia e de transformá-la numa república democrática, a qual ocorreu nos anos de 1905 a 1907. ↩

3. Mamãe (em francês). ↩

II

18 de setembro

Lembro-me desses três dias como do mais penoso dos pesadelos.

O investigador, o oficial de justiça, o delegado, os parentes com seus pêsames, o tabelião, a agência funerária, as idas ao banco, as consultas com o sacerdote, as esperas inúteis nas salas de recepção, as conversas não menos inúteis, as caras alheias, a ausência do meu próprio tempo livre... oh, como é que me esqueceria logo desses três dias?

Esclareceram-se duas coisas. Em primeiro lugar, chegou-se à conclusão de o assassinato ter sido cometido por vingança, visto que meu marido nunca guardava dinheiro em casa (agora eu mesma me recordo disso). Ademais, sua carteira, que estava em seu bolso, também permanecera intacta. Mas como o assassino havia penetrado em nosso apartamento situado no andar de cima... não se chega, de modo algum, a compreendê-lo.

Em segundo lugar, ficou notório que meu marido deixara mesmo um testamento. O tabelião veio à minha casa para me informar disso. Aludiu que, sendo a herdeira principal, eu teria um bom dinheiro a receber.

O enterro está adiado por causa da necropsia. Deixei meu tio cuidar de todos os assuntos. É claro que vai ganhar, pelo menos, mil e quinhentos rublos com esse negócio, mas juro que o preço não será alto demais para me livrar desse tipo de afazeres.

Modest não me visitou nenhuma vez, então, não serei a primeira a procurar por ele!

Em compensação, não me neguei um pequeno divertimento e fui passar uma horinha com Volódia⁴.

Meu querido garoto ficou felicíssimo com minha visita. Ajoelhou-se em minha frente, beijando minhas pernas, chorando, rindo, balbuciando.

— Achava — dizia — que não a veria por muitos, muitos dias. Quanta bondade sua em vir aqui! Pois você me ama de verdade!

Jurei-lhe que o amava, sim, e realmente o amei, naquele momento, pela ingenuidade da sua alegria, pelas verdadeiras lágrimas em seus olhos, por ele ser todo tão fraco, fino, flexível como o caule de uma flor.

Não vinha à casa de Volódia havia bastante tempo e fiquei surpresa de como ele enfeitara sua morada. Agora tudo lá está escolhido conforme meu próprio

gosto. As cortinas escuras, os móveis austeros sem nenhum bibelô nenhures, as gravuras daqueles quadros de Rembrandt nas paredes.

— Você mudou de mobília — disse eu.

Ele respondeu, corando:

— Da última vez, quando você foi embora, encontrei de novo cem rublos. É que já lhe tinha dado minha palavra de não tomar sequer um copeque de seu dinheiro. Gastei-os todos para você se sentir bem em minha casa.

Não seria isso tocante?

É claro que ele também começou a falar sobre aquela mudança em meu destino, mas timidamente, assustandose, ele mesmo, com suas falas.

— Agora você está livre... Talvez a gente se encontre mais vezes?

— Seu bobinho — repliquei —: seria a hora de pensarmos nisso? Meu marido ainda não foi enterrado.

Volódia havia preparado frutas e um licor. Sentei-me no sofá, e ele ficou de joelhos ao meu lado, olhando em meus olhos e dizendo:

— Você é linda. Nem posso inventar um rosto mais belo. Quero beijar cada movimento seu. Você me recriou. Aprendi a ver só quando a conheci. Aprendi a sentir só quando me apaixonei por você. Estou feliz por me ter entregado a você assim, por inteiro e sem reservas. Minha felicidade é que todas as minhas ações, todos os meus pensamentos e desejos, e minha vida como tal dependam de você. Não existo mais fora de você...

Tais palavras agradam qual a carícia de uma gata amada, toda peluda e fofa. Ele falou por muito tempo, e, por muito tempo, eu o escutei. As entonações infantis de sua voz deixaram-me hipnotizada, embalada.

De súbito, lembrei que precisava ir embora. Mas Volódia ficou tão desesperado e tanto me implorou, tanto retorceu os braços, que não tive forças para lhe recusar...

Talvez faça mal em trair os restos mortais do meu marido.

Foi uma sensação obscura, a de embaraço, que permaneceu em minha alma. Jamais a experimentara ao traí-lo enquanto vivo. A morte tem um poder misterioso.

1. Forma diminutiva e carinhosa do nome russo Vladímir. ←

III

19 de setembro

Será que amo Volódia?

É pouco provável. Gosto daquilo que criei nele. Como era selvagem quando nos encontramos em Veneza! Não sabia pensar em nada nem falar de nada além das questões e ações políticas por causa das quais tivera de se esconder no estrangeiro. Adivinhei outra imagem na alma dele, tal e qual um escultor que adivinha sua estátua num bloco de mármore não cinzelado.

Ah, mas trabalhei muito com Volódia! Imaginemos aquele local ímpar para se educar uma alma, o labirinto dourado e marmóreo daquela cidade de Bellini e de Sansovino, de Ticiano e de Tintoretto! Ouvíamos juntos, sentados em gôndolas, as "serenatas" de maio, íamos à "casa dos loucos", para sempre sacramentada pelos nomes de Byron e de Shelley⁵, e àquelas igrejas escuras onde podíamos saciar a vista com as sinfonias pictóricas dos mestres renascentistas! E depois eu lia versos de Fet e de Tiútchev para Volódia.

Dizem que se pode ver a relva crescer. E vi, com os próprios olhos, a alma do jovem se transformar ao mesmo tempo em que se transformava seu rosto. Seus sentimentos se tornavam mais complexos, suas ideias, mais sutis, só que mudavam também seu discurso, seus olhos e sua voz! Antes de mim, houvera o tal "companheiro Piotr" (segundo o chamavam lá "no partido"), desajeitado e rude; fui eu que criei Volódia, meu Volódia refinado e belo, parecido com o moço retratado por van Dyck.

E depois! É que Volódia me confessou – aliás, não seria difícil adivinhá-lo – ter sido eu a primeira mulher à qual ele se entregara. Tomei sua inocência, bebi-a toda. Para ele, sou um símbolo de mulher em geral, sou uma paixão encarnada. Volódia só pode imaginar o amor com minhas feições. Uma aproximação minha, ou então o bafejo de meu perfume, já basta para embriagá-lo. Se eu lhe disser: "Vá e mate" ou "Vá e morra", ele fará isso mesmo sem refletir.

Como é que entregaria meu Volódia a alguém lá? Ele é meu; ele é minha propriedade; eu o fiz e detenho todos os direitos a ele...

Amo o perigo que se encerra nele. Nosso amor é aquele "fatídico duelo" do qual fala Tiútchev.⁶ Nenhum de nós dois venceu ainda. Mas eu sei que ele pode vencer. Então me tornarei sua escrava. Isso é medonho, mas também sedutor: é algo que atrai como um precipício. E sinto vergonha em ir embora, porque seria

uma covardia.

Quanto a Modest, é um enigma para mim: ainda não desenredei os fios de sua alma... e será que alguém já os desenredou até o fim? Como lhe é inerente o fato de ele, um pintor e um pintor forte, jamais ter exposto as suas obras! Basta-lhe a consciência de que, após sua morte, os amantes da arte vão desembolsar quantias inconcebíveis pelos seus quadros e procurar por cada esboço que ele fizer a lápis. Assim ele é em tudo: contenta-se com o que sabe de si mesmo e não precisa que os outros saibam disso. Realmente tem desprezo pelas pessoas, por todas as pessoas, talvez por mim também, muito embora me jure amor.

Em Volódia, amo seu amor por mim. Em Modest, meu possível amor por ele. Tão somente possível, já que hei de empenhar quaisquer esforços para este amor não se tornar ardente em minha alma.

1. Veja o poema *Julian e Maddalo: Uma Conversa*, de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), no qual é mencionada uma visita do próprio poeta e do Lorde Byron, seu amigo íntimo, ao manicômio localizado numa ilha próxima a Veneza. ↩
2. Alusão ao poema *A Predestinação*, de Fiódor Tiútchev (1803-1873), um dos maiores líricos russos do século XIX. ↩

IV

23 de setembro

O enterro foi ontem. Descrivê-lo seria entediante. Todos andavam dizendo que, uma vez de luto, eu estava muito vistosa.

Durante a última missa de corpo presente, Glacha teve um ataque histérico. Uma sensibilidade dessas é estranha. Teria ela sido apaixonada por Viktor, ou teriam mesmo eles dois mantido relações íntimas? Sempre busquei não me meter nesses assuntos.

O testamento de Viktor também foi divulgado. Ele havia sido bonzinho e me deixara tudo, à exceção das pequenas quantias legadas aos seus parentes. Esclareceu-se que tinha cerca de 250 mil rublos em títulos e ações de várias empresas. Eu mesma nem supunha que tivéssemos tanto dinheiro.

Confesso que a sensação de me tornar uma mulher abastada, se não rica, foi muito agradável para mim. Há uma força no dinheiro, e, uma vez ciente do tamanho de minha herança, tive a impressão de que algum exército a mim subordinado arregimentara-se para me defender. Por mais ridículo e até mesmo vergonhoso que isso fosse, senti um afluxo de orgulho e de presunção em minha alma... Tive, pouco antes do enterro, uma explicação com Modest. Docilmente, ele me pediu perdão pela sua conduta grotesca no dia do assassinato e me solicitou que passasse um dia inteiro com ele. De acordo com suas falas, tem de me dizer algo bem importante, mas não está em condição de fazê-lo num ambiente comum. Iremos, pois, à fazenda.

Como poderia rejeitar o pedido dele? E para mim mesma, após toda uma semana cheia de múltiplos afazeres que culminaram num interminável almoço fúnebre, será tão doce passar um dia inteiro num mundo diferente! Prometi que iria com ele.

No mesmo dia

Onde houver dinheiro sempre aparecem diversos indivíduos suspeitos. Por isso mesmo é que a visita de hoje não me deixou nem um pouco surpresa.

Glacha me informou que um tal de Serguei Andréievitch Khmyliov "anelava tanto" por me ver em razão de um negócio importante. Mandeí deixá-lo entrar.

Entrou um homenzinho de aparência infame, magro e baixinho, de cara

imberbe, que usava um paletó cinza, bem apertado. Saudou-me com uma mesura exageradamente respeitosa, sentou-se justo na beirinha de uma cadeira e passou muito tempo dizendo, com uma voz desagradável, fanhosa, um bocado de disparates. Afinal, quando eu me vi perdendo a paciência, chegou a falar de modo mais racional.

— Assim será mais tranquilo para a senhora. Por que é que cuidaria de tudo pessoalmente? Não é um negócio de mulher... É que conheci ainda seu genitor finado e sempre terei o prazer de servir à senhora. Tão logo me entregar aqueles vinte mil ali, ficará tudo plenamente nobre. Pode confiar em mim: aqui comigo, qualquer segredo é como uma chave que vai ao fundo.

Perguntei-lhe:

— É ao senhor que me cumpre dar vinte mil rublos? Mas por que motivo?

— É o que diz respeito ao assassinato de seu finado marido.

— Pois então: foi o senhor quem o matou?

Fiz essa pergunta de propósito, para forçar meu interlocutor a ir direto ao ponto, mas ela não o surpreendeu nem um pouco.

— Nada disso: quem matou não fui eu. Só que a senhora mesma se digna a saber quanto incômodo haverá, se a devassa se prolongar demais com aqueles interrogatórios todos: quem, o quê e como... E por outro lado, de vez em quando, há também prisão como medida cautelar. E no fim das contas, se forem cavando, não serão poucas as coisas que vão desenterrar...

Cansei-me das suas alusões e reticências, e disse:

— Escute: não tenho mais tempo. Diga às claras de que está precisando. O senhor sabe, nada pior do que eu mesma, que o dinheiro não se dá de mão beijada. Explique o que me propõe e por que me cumpre, em sua opinião, pagar esses vinte mil ao senhor.

Ou foi uma impressão minha, ou o semblante de Khmyliov se tornou insolente em demasia. Ele me respondeu olhando para o lado, mas já com total convicção no fundo da alma:

— Eu lhe proponho, minha senhora, acabar com esse assunto. Nem saberá de nada, nem coisa nenhuma lhe será exigida: apenas será tudo feito. O assassino se entregará por si só, assumirá sua culpa, e a devassa será terminada. Dessa maneira, nenhuma circunstância a mais ficará descoberta. E não lhe cobrarei sequer um copeque a mais. Está tudo incluso naquela importância: quem se deve untar⁷ e o que se deve pagar ao chefe, e a nossa recompensa também...

Ditas essas palavras, fiquei em pé e perguntei:

— Pois enfim: é uma chantagem?

— Veja a senhora se acredita em mim — retrucou Khmyliov —: a mim

mesmo caberá a parte mais ínfima. Somos gentinha miúda. Quatro homens estão trabalhando, e eu cá terei, digamos, que entregar tudo aos outros. Será que me atreveria a cobrar-lhe tanto dinheiro assim? Sobretudo, porque tive a honra de conhecer seu finado paizinho...

Toquei a campainha e ordenei a Glacha:

— Acompanhe este senhor.

Khmyliov também se levantou e acrescentou sem o mínimo embaraço:

— Quem sabe se não daríamos um desconto aí, de um milzinho ou dois.

— Vamos, titio, que não faz bem — disse Glacha. Quando a porta foi trancada atrás de Khmyliov, perguntei a ela:

— Você conhece aquele senhor Khmyliov?

— Como não? É meu tio...

— Pois veja se me desculpa, Glacha, mas seus parentes não são nada bonzinhos. Trate a senhorita de nunca mais deixá-lo chegar até mim.

— Perdoe, minha senhora — disse Glacha —: é mesmo um homem que não se dá muito bem com sua honra...

Parece-me que anotei as expressões de Khmyliov com bastante precisão. Acredito que se requebrou de caso pensado, pois não queria falar às claras. Mas o que é que mascaram as suas falas ambíguas? Apenas a ameaça de revelar minhas relações com Modest ou algo maior?

1. Gíria russa que significa "subornar, corromper". ↵

25 de setembro

Tenho que descrever meu passeio com Modest.

Antes de tudo, foi Lídotchka que se intrometeu por alguma razão.

Quando mandei atrelar o cavalo e disse que iria a Liubímovka, Lídotchka se pôs a rogar-me que a levasse comigo:

— Minha querida Natacha, minha boazinha, permita que eu também vá. Estou querendo tanto! Ficarei tão feliz com você...

Respondi que queria descansar, ficar sozinha. Então Lídotchka tomou, de improviso, um ar sério, juntou suas sobrancelhas pequenas, até mesmo ficou pálida e disse:

— Você está de luto, e não lhe convém sair de casa sozinha por um dia inteiro.

— Será que está doida, Lídotchka? Isso não é da sua conta.

— É, sim! Você é minha irmã, e não quero que se fale mal de você.

É claro que exprobei Lídotchka pela sua intromissão descabida; ela desandou a chorar e foi ao seu quarto. Mas pode ser que a *maman* tenha tido razão, e que "se fale mal" de mim, sim, visto que as crianças já repararam nisso...

Em todo caso, todas as *convenances*⁸ foram observadas, pois acabamos viajando, Modest e eu, em trens diferentes. Passei duas horas sozinha, entediada, num vagão vazio, e Modest me encontrou já em nossa plataforma rural. Usava uma jaqueta de caça e um pequeno gorro, o que lhe caía muito bem.

Após duas horas de silêncio, eu queria falar e rir, e aquele ar fresco dos campos abertos, desertos como estavam, inebriava-me como champanhe. Mas Modest estava silencioso e reservado, de resto, como em todos os últimos dias. Manteve-se calado durante quase todo o percurso entre a estação e a fazenda, restando-me apenas contemplar a imensidão outonal e aquele céu azul, azul, azul.

Quando chegamos à fazenda, Nikífor me recebeu com deferência: pelo visto, a notícia de que eu era herdeira de Viktor já o alcançara.

E, quando nos quedamos a sós junto ao samovar⁹, Modest me disse:

— Tenho que te dizer, Tália, algo bem importante.

O mais importante de tudo o que te disse nesta vida.

— Diz.

— Não aqui. Mais tarde. Na floresta.

Ao tomarmos chá, fomos à floresta. O dia estava ensolarado, "à moda de Tiútchev", "como que cristalino". Havia uma placidez irresistível naquele céu límpido. A natureza aparentava dizer ao inverno que estava chegando: "Crucificai-me, matai-me, que me resignarei aos suplícios e morrerei sem queixumes...".

Eu corria pela relva desbotada, igual a Maria Stuart no terceiro ato da tragédia de Schiller.¹⁰ Cantava modinhas como quando passeava, aos quinze anos de idade, com os ginasianos apaixonados por mim. Vendo um esquilo, que se safara de mim bem no topo de um pinheiro, fiquei alegre como uma criança. Ah, mas em cada pessoa se esconde aquela sede de vida primitiva, e transparece às vezes, através dos breves milênios de vida civilizada, o espírito daqueles longos milhões de anos em que o homem deambulava, com os bichos, pelas florestas virgens e se abrigava, com os ursos, nas cavernas!

Caminhamos até o barranco de Maria e, uma vez lá, ficamos sentados num banco, acima do rio. Eu esperava pela conversa importante que me fora prometida. Parecia que Modest, a despeito de seu hábito, não encontrava palavras certas. Depois, pronunciando-as com certo esforço, perguntou:

— Responde-me com toda a sinceridade e toda a firmeza: tu me amas e amas tão só a mim?

Sua frase foi tão dissonante naquela harmonia do dia outonal e da minha alegria! Mas sei, há muito tempo, que não se pode dizer a verdade aos homens e respondi submissa:

— Sim, Modest: amo tão só a ti.

Após outra pausa, Modest me perguntou de novo por algo similar, e de novo, sem discutir, eu lhe dei uma resposta convencional, estereotipada.

Pareceu-me que ele não tinha a coragem de me dizer aquela coisa pela qual me convidara para lá. Quando senti frio, e já estava na hora de irmos embora, começou a falar como quem tivesse tomado uma decisão:

— Tália! Quando, naquele dia, cheguei a falar contigo sobre a mudança ocorrida em nossa vida, tu mandaste que me calasse. Mas eu tenho de te dizer o que estou pensando, pois disso depende tudo para mim mesmo. Sei que amaste muitos homens antes de mim, e que tenho sido apenas um novo brinquedo interessante para ti. (Eu quis replicar, mas Modest me fez o sinal de ficar calada.) Só que eu não te amo dessa maneira, mas de verdade, com um amor encarniçado e ilimitado. Mesmo se me disseses que meus sentimentos são primitivos e asselvajados, não abrirei mão deles. Eu te amo como ama um homem simples, que não fica filosofando sobre seu amor, como se amou nos séculos passados e ainda se ama hoje, por toda parte, além desta nossa chamada sociedade civilizada

que vive brincando de amor. Com toda a ingenuidade é que quero possuir-te inteira, tendo todos os direitos que puder em relação a ti. Até agora, a ideia de haver algo que nos separa, de outro homem tocar em ti, de estarmos obrigados a esconder nosso amor, tem-me deixado furioso e desesperado. Agora que tudo mudou de repente, nem posso ter outro desejo senão o de te tomar inteira e de me certificar de que tu és minha, daqui em diante, e minha para sempre. E se, conforme acabaste de dizer, tu me amares (ele acentuou essa palavra), tampouco podes ter outro desejo senão o de me dizer: "Quero ser tua para sempre, vem tomar-me".

— Tu me pedes em casamento, Modest? — perguntei eu.

— Sim: proponho que sejas minha mulher.

— Não seria cedo demais, dez dias após a morte do meu marido?

Modest se levantou e disse num tom severo, rígido, quase empresarial:

— Se tudo isso foi um amor de brinquedo, diz-me isso sinceramente, Tália! Irei embora. Mas, se quiseres meu amor, exijo – estás ouvindo? –, exijo que te tornes minha mulher...

Busquei transformar nossa conversa numa brincadeira. Modest ficou insistindo em minha resposta. Pedi-lhe alguns dias para ponderá-la. Reagindo às minhas falas com expressões formais, Modest me ofereceu um mês... Ri (mas confesso que foi um riso forçado) e concordei.

Enquanto retornávamos à fazenda, disse, tentando gracejar:

— Se me tornar mesmo tua mulher, Modest, que interesse é que tu terás nisso? Se eu já traí Viktor contigo, por que não te trairei com mais alguém?

— Então te matarei — disse Modest.

— Chega! — retorqui. — Quem pode matar é um selvagem ou um mujique¹ bêbado; antigamente podiam também os cavaleiros e os senhores italianos... Quanto a ti, não és capaz de matar.

— Um homem moderno — respondeu Modest, muito sério — deve saber fazer qualquer coisa: compor versos e dirigir uma máquina elétrica, atuar no palco e matar.

Não falamos mais de nada importante. Pareceu-me, todavia, que a proposta feita por Modest não era toda aquela coisa pela qual ele me convidara a passar com ele um dia fora da cidade. Não me dissera tudo o que queria.

Voltei para casa tarde da noite, com o último trem. Surgiu em minha frente, às portas, o rostinho choroso e irado de Lídotchka. Prefери não me explicar com ela e fui direto ao meu quarto.

1. Conveniências (em francês). ↵

2. Espécie de chaleira, geralmente de cobre, em forma de urna, com uma torneira na parte

inferior e um tubo para brasas vivas no centro, que se usa na Rússia para ferver e manter quente a água com que se faz o chá (Dicionário Michaelis). ↔

3. Friedrich Schiller. *Maria Stuart*, Ato III, Cena 1. ↔

4. Apelido coloquial e, não raro, pejorativo dos camponeses russos. ↔

26 de setembro

Meu passeio com Modest deixara uma impressão desagradável em minha alma. Hoje já fiquei achando que suas exigências fossem insolentes ou, talvez, ridículas. Arrependi-me de não lhe ter dito isso na hora. Contudo, sentia-me tão bem ao ar livre, naquela floresta, que acabara sendo mais bondosa com ele do que me cabia ser.

Quando Volódia veio hoje à minha casa, fiquei sinceramente feliz com sua visita. Quão mais atraente, pensei, era aquele garoto carinhoso para quem um só beijo meu redundava numa beatitude, que se entregava por inteiro sem exigir nada em troca. Por que eu precisaria de Modest, o qual falava com seriedade de como me mataria, se pudesse, tão simples e facilmente, ser feliz com Volódia? As tragédias são belas no palco e nos livros, porém, nesta vida real, Marivaux¹² é bem mais agradável do que Ésquilo!

Seja como for, acontece que Volódia também é um homem, e todos os homens têm o mesmo feitio. (Já faz muito tempo que deveria certificar-me disso!)

Só pelo fato de Volódia ter ousado vir à minha casa, pude adivinhar que ocorrera algo incomum. Enquanto meu marido estava vivo, Volódia nunca me visitava em casa. E, quando entrou na sala de estar, percebi que estava extremamente desconcertado. Estava tão triste e lastimoso que, se não tivesse receio de Lídotchka andar espionando, eu lhe seguraria de pronto o queixo e beijaria seus olhos chorosos.

A princípio, Volódia me assegurou que nada havia ocorrido.

— Apenas não a vejo mais há tanto tempo! (E, de fato, não estive em sua casa por uma semana inteira.) Passei a sentir falta de você, como se sente, num subterrâneo, a falta de ar. Deixe-me respirá-la.

Fiz questão de acariciá-lo de tal sorte que ele confessou. Aliás, feitas as contas, ele sempre me confessava tudo.

Esclareceu-se que tinha recebido uma carta anônima, escrita não sem erros gramaticais (quem sabe, premeditados?), na qual lhe comunicavam que eu era amante de Modest. Entregando-me o envelope, Volódia se pôs naturalmente a soluçar e me garantiu que se mataria logo em seguida, pois só podia existir caso eu pertencesse unicamente a ele.

— Seu bobinho! — disse-lhe eu. — Então como é que existiu até agora,

enquanto meu marido estava vivo?

— É que você não o amava... é que era uma casualidade você tê-lo encontrado antes de mim...

O que me restava fazer? Queria tanto, após aquela severidade de Modest, ver novamente o rosto feliz de Volódia, ouvir seus juramentos pueris, tão extáticos, que lhe disse tudo quanto ele esperasse em segredo de mim. Disse-lhe que a tal carta não passava de uma calúnia estúpida, que só o amava a ele, que nem sabia o que era um amor de verdade antes de encontrá-lo, que renascera depois daquele encontro, achando um outro eu no fundo da minha alma, que não lhe ser fiel me seria tão impossível como trair a mim mesma, que não era minha obrigação e, sim, um desejo meu, e assim por diante, sem fim...

Volódia se consolou rápido, acreditou sem ressalvas e, timidamente, passou a falar sobre o futuro.

— Agora você está livre. Por que não iríamos para o estrangeiro, nós dois? Aqui você tem tantos afazeres, vínculos, relacionamentos. Entendo que aqui lhe é impossível reconhecer abertamente seu amor por mim. Ainda sou um garoto: poderiam condená-la (disse aquilo com total ingenuidade). Mas em algum lugar na Itália, onde ninguém nos conhece, poderíamos viver um pelo outro. E nossa vida se tornaria um conto de fadas realizado. O dia e a noite, a chuva e o sol — tudo seria uma felicidade para nós dois...

Ah, bobinho, bobinho! É muito fofo, como um pequeno detalhe da vida, mas, se me cumprisse de novo passar várias semanas a sós com ele, acabaria definhando por tédio e monotonia. Ele me trucidaria com suas inocência e exaltação. A limonada e o *narzan*¹³ frizante agradam no intervalo entre dois pratos, mas são o Nuit espesso e o Irrois congelado¹⁴ que dão algum sentido ao jantar.

Aleguei ter de me azafamar bastante, por meio ano, com minha herança. Um mês para Modest, seis meses para Volódia... o que vou responder quando os prazos tiverem expirado? Será que mui simplesmente abandonarei tanto o garoto ciumento como o pintor diabólico? O amor e a paixão são belos, mas a liberdade é melhor em dobro!

Tive, aliás, de prometer a Volódia que o visitaria hoje à noite.

No mesmo dia

Houve agorinha um encontro estranho.

Voltei da casa de Volódia (que me sensibilizara, palavra de honra, com sua ternura exaltada) bastante tarde, depois da meia-noite. Pareceu-me que a porta

me fora aberta com certa demora, e que o rosto de Glacha estava todo choroso. Nem tive tempo de lhe perguntar pelo que se dera com ela, e Glacha já me anunciou:

— Modest Nikândrovitch está esperando pela senhora.

E, realmente, Modest me encontrou às portas.

— *Excusez-moi, mon ami* — disse-lhe eu —, *mais jugez vous-même : est-ce qu'il me convient de recevoir des visites, le premier mois de veuvage, après minuit ? Vous me mettez dans une fausse position.*¹⁵

Modest pediu desculpas e se pôs a explicar seu desejo imperioso de me ver nesse dia. Fora Khmyliov quem o abordara, exigindo dinheiro e ameaçando-nos de algum escândalo. Receoso de que, logo no dia seguinte, Khmyliov me abordasse a mim, Modest se apressou a avisar-me para que não cedesse à chantagem daquele patife.

— O senhor está atrasado — disse eu em resposta. — Khmyliov já veio falar comigo, e lhe aponte a saída.

— Agiu de forma inteligente, como sempre — disse Modest.

— Só que não entendo em absoluto de que ele nos ameaça — continuei. — Ainda quando Viktor estava vivo é que podia causar-nos diversas contrariedades miúdas. Mas agora...

— Sem dúvida, sem dúvida! Percebo que não foi necessário avisá-la. A senhora mesma entende tudo.

Modest me beijou a mão e foi embora.

Estava obviamente confuso. Não foi por isso que deixou de me perguntar de onde eu voltava tão tarde assim? De modo geral, o pretexto de sua visita noturna não me pareceu convincente.

Que homem espantoso! Todas as suas ações, grandes e pequenas, são inexplicáveis. Nunca se sabe por que ele faz isto ou aquilo. Ser a mulher dele! Mas é tão pavoroso como ser a esposa do Barba-Azul¹⁶!

1. Pierre Carlet, mundialmente conhecido como Marivaux (1688-1763): dramaturgo e romancista francês, autor de inúmeras comédias espirituosas e graciosas. ↵

2. Água mineral extraída da homônima fonte no Cáucaso. ↵

3. Marcas de vinhos franceses, seco e espumante respectivamente, populares na Rússia em princípios do século XX. ↵

4. Desculpe-me, meu amigo, mas julgue o senhor mesmo: será que me convém receber visitas no primeiro mês de viuvez, depois da meia-noite? O senhor me coloca numa posição falsa (em francês). ↵

5. Protagonista do homônimo conto de fadas de Charles Perrault (1628-1703) que matava suas esposas, uma por uma, em seu castelo. ↵

Modest entendeu, pelo visto, que me causara, lá na fazenda, uma impressão desagradável e tratou de repará-la. Exortou-me a ir até sua casa.

Pela primeira vez, fui ver Modest sem nenhum pretexto falso, às escâncaras, apenas não usei minha carruagem e, sim, um carro de aluguel. Enquanto Viktor estava vivo, cumpria-me inventar, sempre que tivesse um encontro com Modest, com Volódia ou com mais alguém, explicações da minha longa ausência em casa. Decerto Viktor sabia que eu o traía e admitia tanto com sua tácita anuência: quando lhe dizia na volta, por vezes, que fora ver uma costureira ou um médico, ele tinha a certeza de que não lhe dizia a verdade. Ainda assim, considerávamos necessário manter aquela mentira convencional e, se ela tivesse sido descoberta, ter-nos-íamos sentido muito embaraçados... E agora não tenho mais a quem prestar contas, exceto a Lídotchka, que tem observado, enciumada como está, todas as minhas ações nestes últimos tempos.

O apartamento de Modest parecia transfigurado, apenas porque ele pendurara nas paredes aqueles seus quadros que antes estavam todos reunidos em seu estúdio, no qual até mesmo a mim se permitia entrar de mau grado. Agora as estranhas mulheres criadas por Modest, com seus cabelos louros, emaranhados, com seus olhos da esfinge de Gizé, com seus lábios rubros de um vampiro, olham de todos os lados para quem estiver entrando. Ora rodopiam dançando em volta de uma árvore com frutos de romã, ora jazem, exaustas, sobre os degraus marmóreos de uma escada gigante, ensombrada pelos ciprestes, ora, despudoradas, esperam pelas suas vítimas nos leitos tão largos quão impudicos também... E os olhares daquelas mulheres, ou daquelas aparições (não sei como seria mais exato chamá-las), dirigem-se, de todos os lados, para a visita, fixam-se nela, hipnotizam-na.

Desde que dei meu primeiro passo em sua casa, Modest me cercou de todas as manifestações de carinho e de idolatria. Ao abrir-me a porta, ajoelhou-se em minha frente e beijou, meio brincando, a aba do meu vestido. Fitava-me com olhos apaixonados e me chamava de sua czarina. Lia-me, com uma voz insinuante, os versos amorosos de alguns poetas provençais: eu não entendia o sentido daqueles versos, mas intuía que Modest me endereçava todos os elogios tecidos pelos trovadores para suas damas.

Modest sabe, quando quer, ser terno como nenhum outro homem. Seus dedos afloram com um carinho piedoso; seus beijos se tornam devotamente ardentes; ele reveste suas palavras quase indecentes de toda a veneração de uma prece... Ou, pelo menos, ele me parece assim... Afinal de contas, sou uma mulher e, quando alguém me jura freneticamente seu amor, quando me beija com êxtase, quando me submete à sua paixão, não consigo mais raciocinar nem analisar. A cada mulher – não importa se é excepcional ou ordinária, se é refinada ou simples, se está vivendo em nossos dias ou já viveu há dezenas de milênios – o homem a possui-la aparenta ser, num momento de paixão, um soberano digno de espanto e de adoração...

Modest não me lembrou nenhuma vez, enquanto estava em sua casa, da nossa conversa em Liubímovka. Apenas por evitar decididamente a mínima menção à mudança ocorrida em meu destino, dava para ver que nada mudara em sua alma desde aquele dia. Mas, quando já estava na hora de eu partir, ele tirou um belo atlas geográfico da sua estante e se pôs a folheá-lo. Era com certa perplexidade que eu olhava para aqueles mapas magnificamente litografados...

Chegando ao mapa da Itália meridional, Modest me apontou Ústica, uma ilhota separada de toda e qualquer terra, e disse:

— Se, daqui a um mês, tu me disseres que não queres ficar comigo, irei para lá e lá viverei até o fim dos meus dias.

— Que ideia absurda, Modest! — repliquei. — Por que precisas viver nessa tal de Ústica? Por que não na ilha de Santa Helena ou na de Java, ou simplesmente em Paris?

— Li sobre a tal de Ústica ainda na infância: não lembro mais onde foi. Sua descrição me deixou atônito, e sonhei amiúde, quando menino, em ir para Ústica. Assim, de certo modo imperceptível, Ústica se tornou um país simbólico da beleza e da felicidade para mim, um verdadeiro jardim das Hespérides¹⁷... Depois disso, fui muitas vezes à Itália, mas nunca cheguei até Ústica: os turistas não têm nada a fazer ali, e eu mesmo sentia pena das minhas ilusões infantis que destruiria. Mas agora, quando pensei que talvez tivesse de escolher um ponto do globo terrestre em que terminaria esta minha vida fracassada, resolvi em definitivo que não acharia nada melhor do que Ústica. Decerto há um céu azul e uma ressaca ruidosa ali, há rochas bonitas e pessoas esbeltas: quanto a mim, não precisarei de mais nada.

Achei ofensivo que Modest tencionasse intimidar-me como uma mocinha de dezesseis anos e respondi, não sem rispidez:

— Chega, Modest! Tua adulação é caprichada, mas tu não me convencerás de que estou ocupando um lugar importante em tua vida. Se realmente me

afastar de ti, se te largar, como se diz, para lá, tu irás mui calmamente a Paris, vais pintar teus quadros e viverás mais uma dezena de romances. Vê apenas se não repetes essas palavras que me disseste às tuas namoradas por vir: tampouco acreditarão nelas.

De súbito, Modest assumiu um ar muito sério e disse:

— Minha querida Tália! Sou um pouco diferente dos outros homens. E me reservo o direito de não amar como os outros amam. Preciso que meu amor por ti receba plenamente tudo quanto ele desejar. Não quero nem posso viver sem isso. Queimarei todas as minhas pinturas, doarei minha biblioteca, nem tocarei mais num pincel e, se continuar vivendo, farei isto apenas por desprezar o suicídio. Será que tu entendes a volúpia de um jogo grande, quando o jogador chega a arriscar todo o seu patrimônio? Pois então: eu também apostei toda a minha vida nesta carta de meu amor por ti...

Será que ele mesmo acreditava em suas palavras? Duvido disso. É um homem por demais forte, por demais multifacetado, para ver todo o sentido de sua vida no amor. Apenas imaginou que arrancaria, com suas ameaças e lisonjas, meu consentimento...

E mesmo se o que Modest me dizia fosse verdade! Será que, tão só para prevenir esse seu "suicídio artístico" (assim é que me cumpre chamá-lo?), teria de me casar com ele? Meu Deus! Sou jovem, bonita, estou rica... então por que entregaria tudo isso às mãos alheias? Por que deveria pensar mais em Modest do que em mim mesma?

Pois sim: gosto de Modest, ou melhor, admiro uma rara combinação da inteligência e do talento, da força e da fineza, que há nele. Mas posso mesmo ter a certeza de que sempre vou gostar dele, de que nenhum de nós dois acabará mudando? Sei por experiência o que significa viver com um marido odiado. Mas Viktor me deixava, pelo menos, totalmente livre, e Modest tem sido exigente, cruel, ciumento...

Quero guardar Volódia para mim por muito tempo, por alguns meses ou talvez, quem sabe, por alguns anos. Quero ter tanto o direito como todas as possibilidades de amar quem ainda me agrada no futuro e a quem agrada eu mesma. Por mais profundo e variado que seja o amor de um homem, ele nunca substituirá o que pode oferecer um outro. De vez em quando, vale a pena a gente "se dar" a alguém por um gesto, por uma palavra, por uma entonação de voz.

No mesmo dia

Acabo de receber uma carta anônima. Seu autor desconhecido, o qual

assinou, como de praxe, "alguém que deseja seu bem", escreve que está sabendo quem matou meu marido e me propõe, se eu desejar "penetrar esse mistério", entrar em "negociações apropriadas" com ele. O endereço é o da *poste restante*¹⁸, com algumas letras. De início, pensei em entregar essa carta ao juiz de instrução, mas depois preferi rasgá-la e jogá-la na cesta de lixo. Não há dúvida de ter sido escrita pela mesma mão que escreveu aquela delação para Volódia.

Entretanto, é estranho que a questão de quem matou meu marido não interesse, nem um pouco, pessoalmente a mim. De certa forma, Viktor desapareceu da minha alma sem deixar rastro algum. Foi como se tivessem zelosamente apagado, com uma esponja úmida, o que havia sido escrito, por um tempo, num quadro-negro. Vez por outra, pensativa, esqueço-me completamente de ter vivido, por quase seis anos, com meu marido, de termos tido um filho, de termos ido juntos, diversas vezes, ao estrangeiro, de que muitas recordações minhas, em geral, deveriam ser estreitamente ligadas a Viktor. Suponhamos que eu não o tenha amado, mas como, em todo caso, ele foi nulo, já que o tirei, com tanta facilidade, do meu presente, das minhas lembranças do passado e dos meus sonhos com o futuro!... De resto, essa nulidade de Viktor foi para mim, enquanto ele estava vivo, um benefício!

1. Jardim pertencente às ninfas Hespérides, divindades primaveris na mitologia grega, situado no extremo oeste do mundo e tido por um lugar paradisíaco. ↵
2. Correio restante (em francês): correspondência guardada numa agência postal até que seu destinatário a recolha. ↵

VIII

1º de outubro

A *maman* veio para, em seu próprio dizer, "falar seriamente comigo". Houve uma explicação penosa e tediosa, porém me cumpre levá-la em conta.

Nossa conversa foi aproximadamente esta:

— Sua conduta tem sido intolerável, Nathalie! Nem um mês se foi desde aquele dia em que morreu seu marido, um homem digníssimo que a adorava, e você já faz toda Moscou comentar a seu respeito. Passa dias inteiros fora de casa. Recebe homens à uma hora da madrugada. Vai sabe lá Deus aonde num carro aberto, enquanto vocês têm seu próprio cavalo. Tudo isso é simplesmente inaudito.

— Como é que a senhora sabe disso tudo, *maman*?

— Veja se anota aí que sempre se sabe muito mais do que você anda achando.

— Em todo caso, não estou mais naquela idade em que conduzem a gente pelas mãos. Sou maior de idade e posso viver como me aprouver.

— E eu sou sua mãe. Advertir você é uma obrigação minha. Agora vive peitando a opinião pública. Só que mais tarde se arrependerá muito de tê-la arregimentado contra si. Acha que a luz toda esteja numa só janela, que se possa viver a vida toda por um pintor qualquer...

— A senhora passa a fazer alusões pessoais, *maman*, o que é inoportuno.

— Quando uma mãe está falando com sua filha, tudo é oportuno. Você acredita que não se comente por ali sobre seu namorico... Pois não entendo em absoluto por que você o deixa à mostra! Ninguém lhe reclama uma virtude angelical, mas todos têm o direito de esperar que as conveniências sejam observadas.

No fim das contas, só para concluir, eu disse:

— Permita que lhe declare, *maman*, que me casarei, ao fim deste ano de luto, com Modest Nikândrovitch Ilêtski.

A *maman* ficou pálida e, pelo que me pareceu, sem fingir.

— Mas você está louca, Nathalie! Sabe lá Deus de que família ele é, sem eira nem beira, sem nenhum patrimônio... e, ainda por cima, é maluco!

Pronunciou a última palavra sílaba por sílaba: "ma-lu-co".

— Será que agrada mais à senhora vivermos em concubinato?

— Você não me entende. Posso tratar isso com indulgência. Admito esses rompantes juvenis. Só que há erros irreparáveis. Nunca se deve dar o último passo. Por que levar seja lá o que for ao último dos limites? A boa educação consiste em não diferir em nada dos outros.

A *maman* me pregou seus sermões por umas duas horas. Quando finalmente se retirou, tive uma crise de enxaqueca. Eram ora pensamentos, ora sonhos, ora visões que me atormentavam. Parecia-me que estávamos nós dois, Modest e eu, num parque, talvez no Bois de Boulogne¹⁹, procurando por um cantinho em que pudessemos ficar livremente a sós. Mas, tão logo ele me abraçasse, aparecia uma multidão de nossos conhecidos, com a *maman* à frente, e todos eles apontavam para nós e riam. Fugíamos até o outro lado do parque, mas lá ocorria o mesmo. Aquilo se repetiu muitas vezes, sendo que sempre éramos flagrados em atitudes sobremodo excêntricas e vergonhosas. Tal pesadelo me torturou até me deixar semimorta.

A *maman* é o gênio mau de toda a nossa família. Desde a mais tenra infância, ela nos ensinava, a mim e às minhas irmãs, a sermos hipócritas. Educava-nos da maneira mais superficial que houvesse. Corrompia-nos desde cedo, quase nos instigava a ler romances franceses, muito explícitos, mas exigia que nos fingíssemos de bobas ingênuas. Ela mesma era, conforme seu passaporte de solteira, a filha de um burguês de Kolomna²⁰, mas, quando se casara com nosso pai, pequeno funcionário público que provinha de uma família fidalga sem importância alguma, assumira o papel de uma aristocrata e nos ensinara a desprezar as pessoas de "baixa" estirpe. Desde os nossos quinze anos, começara a treinar-nos e a adestrar-nos (não posso dar outro nome àquilo) para caçarmos noivos, e acabara por arranjar excelentes partidos para as duas filhas mais velhas. Arranjará um para Lídotchka também...

Se agora a *maman* vem à minha casa e cuida da minha moral, é tão somente porque herdei a fortuna de Viktor. Minha mãe teme que esse dinheiro caia nas mãos de algum homem forte. Prefere que eu mesma o possua, pois certamente conseguirá arrancar de mim, com artimanhas e extorsões, tudo quanto lhe for desejável obter. Preferiria que eu tivesse dezenas de amantes, contanto que não me casasse com Modest.

E, para mim mesma, nada é mais odioso do que a própria noção de mãe. Amaldiçoo minha infância, amaldiçoo as primeiras impressões de minha vida, amaldiçoo toda a minha donzelice: aqueles bailes, passeios e romances de veraneio, aquela troca de bilhetinhos de amor! Ou aquilo tudo foi um logro tramado pela minha mãe, ou então acabou sendo envenenado pela sua difamação da vida e das pessoas. Minha mãe me preparou para uma só coisa, para ser

devassa e vender a mim mesma. Ó, minha mãe, como ainda não me afoguei naquela lama à qual a senhora me tinha atirado, com tanto desvelo, para nela pescar meu bem-estar cotidiano?...

Ainda assim, preciso pensar nessas falas maternas. Pelo visto, há mais espíões voluntários do que a gente supõe, e nossos bons conhecidos têm bastante lazer para espiar aonde e em que carro estamos indo. Terei, quem sabe, de me trancar a contragosto, enquanto durar meu luto, como que num convento: não quero nem um pouco que me apontem com dedos. Mas não seria melhor mesmo seguir o conselho de Volódia, ir para a Itália e levá-lo também comigo?

1. Bosque de Bolonha (em francês): grande floresta urbana em Paris, considerada um dos "pulmões" da capital francesa. ↔
2. Pequena cidade próxima a Moscou, mas vista como "provinciana" na época descrita. ↔

Passei quase uma semana confinada em casa e por pouco não enlouqueci de tédio. Não tenho mais forças para aguentar este meu luto!

A princípio, andei retribuindo as visitas dos meus parentes e daqueles conhecidos mais íntimos que tinham vindo para me expressar seus pêsames. A conversa sobre as modas da próxima estação deixou-me interessada na primeira casa, na de Mary, já me aborreceu na segunda, na de Katerina Ivânovna, e me tirou do meu compasso quando aquela magrela da Nina, que francamente imagina ser uma beldade e diz, ingênua como é: "Nós cá, mulheres lindas...", também se dirigiu a mim com ela.

Depois tentei compreender os negócios herdados do meu marido. Entregaram-me montes de contas, de memorandos, de declarações, de relatórios e só Deus sabe de que mais. Tive de aprender se tais papéis já haviam sido cambiados ou não, se já haviam rendido juros ou não, se já haviam sido assegurados ou ficado fora de circulação, quantos rublos estavam na conta corrente e quantos na poupança... e acabei por me enredar irremediavelmente naquilo tudo. Afinal de contas, entreguei uma procuração geral ao tio Platon: que ele ganhe ali também, mais uma vez e às minhas custas...

De noite, não tendo mais nada a fazer, fazia Lídotchka ler para mim, em voz alta, aqueles romances que conviria ler a ela também (conquanto já tivesse lido às escondas, sem dúvida e há muito tempo, os de Maupassant e de Catulle Mendès e de Willy²¹, e, provavelmente, algo mais forte ainda). Ela lê com uma vozinha fina, mirando-me vez por outra, assim de relance, com olhos apaixonados (ela me ama muito), e eu penso em Volódia e lamento não ser ele quem lê para mim. Foi desse modo que lemos um romance compridíssimo de Trollope encontrado em nossa biblioteca, *A Casinhola*²², que nosso Senhor lhe perdoe a par de todas as outras pechas!

O único proveito que me trouxe minha reclusão é que tive bastante tempo livre para refletir acerca da minha situação. Nos primeiros dias após a morte de Viktor, vivi como uma louca, sem pensar, de certa forma, em ter de iniciar um novo período de minha vida. Agora, sim, ponderei tudo atenta e prudentemente, e aqui está minha conclusão definitiva:

Não me casarei com Modest em hipótese alguma. Quer cometa suicídio

após minha recusa, quer não cometa, não me importo com isso. Modest é um bicho perigoso, podendo-se esperar por qualquer coisa da sua parte, e não me apetece colocar, todas as noites, a cabeça na bocarra de um tigre, posto que esteja, por ora, carinhoso. Todavia, logo que chegarem ao fim os afazeres relativos ao recebimento da minha herança, partirei para o estrangeiro, para a Riviera²³ ou para a Suíça, e passarei um ano ou dois descansando desta minha vida conjugal. Preciso sacudir e lavar toda esta lama que tem grudado em mim nos anos de devassidão forçada... Vou ver depois o que farei.

1. Pseudônimo juvenil da escritora francesa Sidonie-Gabrielle Colette (1873-1954), sob o qual ela publicou seus primeiros romances sobre a lendária Claudine. ↩
2. Trata-se do romance *A Casinhola em Allington*, do literato inglês Anthony Trollope (1815-1882), publicado em 1864. ↩
3. Parte do litoral mediterrâneo, situada na França e na Itália, onde se encontram diversos balneários e atrações turísticas. ↩

Era uma explicação totalmente inesperada que aguardava por mim hoje.

Tenho percebido, há muito tempo, que Lídotchka anda meio entristecida, aflita, pálida. Mas, com todos os meus negócios financeiros e pessoais, ainda não tive tempo para me inteirar da sua vida. E, se uma moça estiver pálida e triste aos dezoito anos, o que há de surpreendente nisso? Convém-lhe ser assim mesmo nessa idade.

Mas hoje, ao entrar por acaso no quarto de Lídotchka, encontrei-a chorando sobre um álbum. Nem por sombra me dispus a aproveitar meus direitos de irmã mais velha e teria saído, talvez, calada daquele quarto, porém Lídotchka, mal me avistou, rompeu subitamente a soluçar com desespero e logo teve um verdadeiro fricote. Caiu da sua cadeira e, quando a deitei num canapé, debateu-se espasmodicamente, rindo e chorando ao mesmo tempo, e todo o seu rosto se contorceu e ficou crispado.

Assim que se recobrou, Lídotchka se pôs a perguntar com pavor:

— Você leu? Você leu?

— Acalme-se — repliquei —: nunca leio cartas alheias nem papéis alheios. Não li nada.

Lídotchka repetia: "Não, você leu, leu mesmo!" e soluçava desesperadamente. Por fim, com a ajuda de diversas gotas e de água, consegui acalmá-la até certo ponto. Preferiria não a interrogar sobre nada, porém, com toda a sua conduta, ela aparentava dizer: "Interrogue-me!". Consenti a contragosto, fiquei insistindo de má vontade, e Lídotchka resistiu às minhas instâncias, embora quisesse ceder no fundo da alma. Aliás, tenho a certeza de que desempenhou esse seu papel de forma inconsciente, parecendo-lhe mesmo a ela que não queria dizer-me coisa nenhuma...

— Está apaixonada, Lídotchka, não está? — digo eu. — Confesse-me, que sou sua irmã.

— Estou, sim! Estou! — soluça Lídotchka.

— E o que há de terrível nisso? O amor é sempre uma felicidade. Se aquele que você ama também a amar, é uma felicidade alegre. Se não, é uma felicidade triste. E nem sei qual das duas é mais sublime, mais bela, mais nobre. A segunda é mais profunda e mais pungente, mas a primeira é mais ampla e mais fúlgida...

Lídotchka está soluçando.

— E depois, Lídotchka, você tem dezoito anos. "A moça trocará, mais de uma vez, seus leves sonhos pelos sonhos novos."²⁴ Agora não acredita que seus sonhos sejam "leves" e fica achando que vão esmagá-la, pois são mais pesados do que o universo inteiro. Eu também o achei quando amei pela primeira vez. Mas veja se confia nas experiências de vida: todo amor passa, qualquer sentimento é substituído por outro...

Lídotchka continua a soluçar.

— Minha menina, diga-me: quem é que você ama, hein?

Lídotchka permanece calada. Então afasto suas mãozinhas dos seus olhos chorosos, beijo-lhe os lábios e digo, buscando exprimir a maior ternura possível com minha voz:

— Diga-me, diga à sua irmã quem você ama...

De súbito, Lídotchka exclama:

— Você!

E torna a cair de braços sobre o canapé, deixando os braços penderem exânicos, e soluça de novo.

— Pense bem, Lídotchka! — digo eu. — Como pode chorar por amor a mim? Sou sua irmã e também a amo, e nada nos impede de amar uma à outra. Então por que esses prantos?

— Eu amo você de outro jeito, sim, de outro! — grita Lídotchka. — Estou apaixonada por você. Não posso viver sem você! Quero beijá-la! Não quero que alguém mais a possua! Você deve ser minha!

— Veja só... — digo, buscando transformar tudo numa brincadeira. — As irmãs são proibidas de se casarem com os irmãos. E você exige que me case com você — eu, sua irmã. É isso mesmo, bobinha?

Lídotchka cai rolando do canapé e, uma vez no chão, grita:

— Não sei de nada! Só sei que amo você! Amo seu rosto, sua voz, seu corpo, suas pernas. Odeio a todos os que você deixa beijá-la! Odeio Modest! Pisoteie-me até a morte, que me será agradável. Mate-me, esgane-me, que não posso mais viver!

Deitada no chão, ela me agarra os joelhos, beija minhas pernas através das meias, chora, grita e se debate.

Fiquei cuidando de Lídotchka por umas duas horas. Dei-lhe, para acalmá-la, uma dezena de juramentos variados e de promessas que ela me tinha cobrado. Jurei, entre outras coisas, que não amava ninguém em geral, após a morte de Viktor, e que não amava Modest em particular.

— Ele é nojento, ele é maldoso — repetia Lídotchka, com lágrimas nos

olhos. — Você não deve amá-lo. Se for beijá-lo, pularei da janela sobre a calçada.

Jurei que não beijaria mais Modest.

Em suma, foi uma aventura disparatada! Ser o objeto da paixão de minha irmã germana não é uma das situações comuns. Só que não posso, de modo algum, compartilhar um amor desses. As relações entre mulheres sempre me foram abomináveis.

1. Alexandr Púchkin. *Yevguêni Onéguin*, Capítulo IV, Estrofe XVI. ↵

11 de outubro

Acabo de voltar da delegacia, para onde fui convocada mediante uma intimação. Até agora estou toda trêmula de tão indignada. Não foi um interrogatório, mas uma chacota pura. Não sei como me cumprir agir.

Fiquei, antes de tudo, irritada com a própria aparência daquele senhor investigador. Mal entrei na delegacia, senti que o odiava. É tão magro que bem poderia servir de ilustração para o conto *A Sombra*, de Andersen.²⁵ Seu rosto está terroso, sua voz é vibrante, e a impressão que ele produz é a de ser uma paródia viva. Como se isso tudo não bastasse, é insolente e grosseiro.

De início, o investigador me instava a explicar-lhe os caracteres dos nossos criados. Mas dou minha palavra de honra: mesmo se souber algo sobre Glacha e Maria Stepânovna, não posso dizer nada a respeito da arrumadeira, da cozinheira e do cocheiro; nem sequer sei direito como eles se chamam.

— Diga: sua camareira, Glafira Botcharova, tem namorados?

— Pergunte a ela mesma. É um assunto particular dela, no qual não me intrometo.

— Pois é...

Ao cabo de uma longa série de tais perguntas vazias, que me deixaram muito cansada, o investigador me indagou repentinamente, decerto para me pegar desprevenida:

— Di-iga: será que por acaso a senhora recebia alguém em sua casa à noite, sem que seu marido soubesse disso?

Como se diz, o sangue me subiu à cabeça com uma indagação dessas. Literalmente sufocada, respondi:

— Não sei se o senhor tem o direito de me fazer semelhantes perguntas. Não lhe responderei a elas.

O investigador ficou remexendo em sua papelada, dizendo ao mesmo tempo, num tom oficial e sem olhar para mim, aproximadamente o seguinte:

— Veja a senhora se me desculpa. A justiça precisa saber de tudo. Para nós, é extremamente importante esclarecer como o assassino conseguiu invadir seu apartamento. Tenho, aqui comigo, alguns dados de que, no ano passado, a senhora mantinha relações íntimas com o tenente Alexandr Vorsínski e de ter amiúde recebido o senhor Vorsínski, enquanto seu marido estava em Varsóvia,

permanecendo ele em sua casa até altas horas da noite. Depois, ao envolver-se com o artista liberal Modest Nikândrovitch Ilêtski, a senhora também...

Então não me contive: levantei-me depressa, parece que até mesmo fiquei chorando, disse ao investigador que ele não podia tratar-me daquela maneira, que ia reclamar dele, etc. Quanto a ele, pediu-me, com muito sangue-frio, que me acalmasse, serviu-me, com suas mãos sujas, um copo d'água, que naturalmente não bebi, aguardou por alguns segundos e prosseguiu:

— Assim sendo, minha senhora, é muito importante a justiça saber se algum dos seus, hum... dos seus bons conhecidos estava plenamente familiarizado com a planta do seu apartamento.

— O senhor acha que meu amante tenha matado meu marido, não acha? — perguntei, superando meu asco.

— A gente não acha nada: a gente está procurando. Depois disso, interrogou-me por meia hora a mais, porém já não lembro o que lhe respondi — na maioria das vezes, recusei-me a responder. Por aquela desenvoltura com que o investigador me fazia suas perguntas descaradas, percebo que ele me suspeita, se não de ter cometido o crime, ao menos de ter sido cúmplice. Falta apenas que me prendam e metam numa cadeia: seria esse o desfecho inesperado de todas as minhas relações enredadas!

1. Alusão ao conto de fadas *A Sombra*, de Hans Christian Andersen (1805-1875), cujo protagonista chega a perder sua sombra. ↵

Nestes últimos tempos, pessoalmente ou por telefone, Modest se tem informado, todos os dias, da minha saúde, e Glacha lhe tem respondido por minha ordem, todos os dias, que eu estava indisposta. Não queria vê-lo, receando que me submetesse de novo à sua influência em nosso encontro pessoal. Hoje Glacha me entregou o cartão de visita de Modest, sobre o qual estava escrito:

*J'ai à vous dire des choses très importantes. Je vous supplie de m'accorder quelques minutes d'entretien. M.*²⁶

Finalmente me atrevi a receber Modest.

Ele entrou, sombrio, beijou-me a mão, passou algum tempo andando pelo quarto, de lá para cá, em silêncio e depois disse:

— Tu te lembras, Tália, do que Antônio diz a Cleópatra, naquela peça de Shakespeare, depois de ela fugir do campo de batalha?

Quando reconheci francamente que, nesse sentido, minha memória estava falhando, Modest declamou em inglês:

— I found you as a morsel, cold upon

Dead Caesar's trencher! Nay,

You were a fragment

*Of Gneius Pompey!*²⁷

Entenderia plenamente o significado daqueles versos apenas mais tarde, quando os tivesse encontrado no texto de Shakespeare (diga-se de passagem, não há tantos Césares nem Pompeus em nossa vida!), mas já então, pelo próprio tom de Modest, intuí que ele me insultava. Meu coração ficou palpitando; cruzei os braços e lhe disse:

— Diga às claras de que me está acusando!

— Sempre soube — continuou Modest, como se não tivesse ouvido minha pergunta — que um amor verdadeiro era inacessível para uma mulher. Um homem pode sacrificar toda a sua vida por um amor, pode morrer por ele e ficará feliz com sua morte. E uma mulher procura no amor uma diversão (e isso na melhor das hipóteses!) ou então se apegua, sem sentido algum, a um homem qualquer e lhe serve como uma escrava e fica feliz com esse seu apego canino. Um homem é herói ou vítima no amor. Uma mulher, no amor, é prostituta ou mãe. Quem se mata por amor são homens, os homens de verdade, maduros a ponto de

entender o que estão fazendo, ou aquelas mocinhas de dezesseis anos que imaginam estarem apaixonadas. É o que dizem as estatísticas dos suicídios. Exigir o amor de uma mulher é tão ridículo quanto exigir a vista aguda de uma toupeira!

Repeti minha pergunta... Modest se virou para mim e proferiu destacando cada palavra:

— Acuso a senhora de ser hipócrita. A senhora me jurou seu amor e traiu seu marido comigo. E tenho provas indubitáveis de que me traiu, a mim também, com outro homem. Por que fez isso?

Quando me atacam abertamente, sinto forças irresistíveis em meu âmagô e fico pronta para o que der e vier. Achei, por um minuto, que minha ruptura com Modest, aquela ruptura cobiçada que haveria de desenredar todas as relações minhas, estivesse próxima. Então, orgulhosa, disse a ele:

— Não quero responder ao senhor. Seria indigno de mim.

Por um minuto a mais, pensei que Modest me viraria as costas, sem dizer uma só palavra, e sairia do quarto. Ele ficou terrivelmente pálido. Mas, de repente, mudou por completo, como quem desfalecesse, deixou-se cair numa poltrona e passou a falar com uma voz bem diferente, meio desafinada:

— Tália! Tália! Por que tu fizeste isso? Conheci muitas mulheres, e muitas me amaram loucamente, com aquela fidelidade canina da qual te falei agorinha. Mas foi apenas em ti, nesse teu corpo prostituído, nessa tua alma egoística (fico anotando palavra por palavra) que encontrei algo sem que não consigo mais viver! Tália! Estou pronto a entregar-me a ti por inteiro, tão só a ti; mas vê se também te entregas a mim de igual modo! Iremos embora daqui, iremos não importa aonde, até os confins do mundo, para Kapstadt²⁸, para Melbourne, para Labrador. E viveremos apenas um pelo outro, e vou idolatrar-te como uma divindade e estarei feliz por estar contigo.

— Modest — repliquei —, não se trata apenas da tua felicidade, mas também da minha, não é?

Depois dessas palavras minhas, Modest abaixou mais ainda a cabeça e, com uma voz ainda mais baixa, terminou seu discurso:

— Está tudo acabado. Tu não me amas. Isso significa que estou vencido. Ah, mas contei demais com minhas forças. Achei que pudesse suportar tudo, até mesmo a minha ruptura contigo! Não! Há coisas que me quebram, como o vento quebra as hastes secas... Pois bem: profere minha sentença!

Com as últimas palavras, Modest deixou a cabeça cair sobre o peito, e me pareceu que estava chorando. Era tão incomum vê-lo comovido e, ainda por cima, até as lágrimas, que toda a minha ira se desvaneceu. Minha firmeza se

derreteu e se transformou numa terna indulgência. Sentei-me ao lado dele e me pus a acalmá-lo num tom carinhoso...

Assim se passou aquele meu encontro com ele do qual eu tinha tamanho medo. Modest entrou em meu quarto como um juiz, como meu senhor, e saiu como uma criança que sua irmã mais velha acabasse de afagar. Agradeceu-me, inclusive, todos os meus juramentos e todas as promessas que lhe dera, sem ter percebido que só havia um vazio por trás deles!

Ufa! Sinto-me como se alguns grilhões tivessem caído do meu corpo! Um Modest que está chorando, um Modest que me pede consolo não me amedronta! Venci. Estou livre. Quero regozijar-me e cantar um peá... é assim que se chamam os cantos vitoriosos, não é mesmo?

1. Tenho umas coisas bem importantes a dizer-lhe. Suplico à senhora que me conceda alguns minutos de conversa. M. (em francês). ↔
2. Foi no festim de César que te achei,
Como um pedaço frio! Não: uma sobra
De Cneu Pompeu... (em inglês: William Shakespeare. *Antônio e Cleópatra*, Ato III, Cena 13). ↔
3. Cidade do Cabo (em alemão). ↔

16 de outubro

Sentindo essa nova liberdade interior, fui hoje visitar Volódia, que tenho abandonado ultimamente por semanas inteiras. Pensei que minha visita seria um presente inesperado para ele, o qual lhe traria uma louca alegria. Aconteceu justamente o contrário.

Volódia me recebeu carrancudo; primeiro não quis dizer nada, depois ficou chorando; mais tarde ainda, igualzinho a Modest, começou a crivar-me de censuras. Qual foi o motivo? A princípio, o garoto inventou vários pretextos para sua ira, por exemplo, o de eu andar carminada (esse bobinho teria imaginado que usássemos carmim como nossas avós!), mas, afinal, confessou ter obtido mais uma confirmação do meu caso com Modest.

Como isso é tedioso! Os homens não se contentam de que nos entreguemos a eles, nem mesmo de que os amemos. Qualquer um deles precisa que nos entreguemos tão só a ele e que o amemos como for de seu agrado. Volódia não compreende que nem sequer tem com que tomar aquela parte minha que entrego (espiritual e carnalmente) a Modest, assim como Modest não tem com que tomar o que entrego a Volódia. Todos andam repetindo: "Eu te quero inteira", mas ninguém se pergunta se sua alma é profunda e espaçosa o suficiente para me acolher!

Disse tudo isso a Volódia, num tom muito brusco, mas, naturalmente, não reconheci minha intimidade com Modest e saí da sua casa mesmo sem ter tirado o chapéu. Gosto muito daquele garoto, cujos lábios têm cheiro de morango silvestre em julho, e quero mordê-lo todo até sangrar, mas não admitirei mais concessão alguma! Superei meu sentimento por Modest, cá em minha alma; também superarei minha ternura por Volódia. Se fizerem ambos que eu os abandone, tanto melhor: não temerei ficar sozinha!

Deixando Volódia, fui visitar Vera. Todos a chamam de minha amiga, e, seja dita a verdade, eu gosto dela mais do que das outras mulheres. Apenas não me agradam as suas roupas demasiado caras e ostensivas: há mau gosto nisso. Achava que essa visita me acalmaria, mas voltou a acontecer o contrário.

Antes de tudo, Vera me cobriu outra vez de manifestações de seus pêsames triviais, como se fossem invólucros de bombons a grudarem em mim. Depois me fez ver seu filho, mostrou-me os novos brinquedos dele e se alegrou, mui

sinceramente, quando elogiei, com indiferença, tanto os brinquedos como seu filho. Mais tarde ainda, na hora do café, ela me relatou todas as fofocas daquele período em que eu não tinha visitado a nossa "sociedade". Fiquei sabendo quais das nossas damas haviam mudado de amantes, mas, como as personagens são sempre as mesmas, pode-se calcular de antemão, mediante aquela fórmula que estudamos nas aulas de álgebra, a quantidade de possíveis *combinaisons*²⁹ com dado número de homens e de mulheres.

Por fim, Vera passou para as confidências íntimas e me contou de como seu francês a abandonara, algo que eu sabia apenas vagamente. O rosto de Vera se contorceu com esse relato, ela se tornou feia, ficou escolhendo palavras grosseiras e, de modo geral, acabou por me causar uma impressão horrorosa. Falando de Lídotchka Veretêneva, a qual fora sua rival bem-sucedida, disse-me literalmente o seguinte:

— Sabe, Nathalie, não posso garantir que um dia, algures no vestíbulo de um teatro, não partirei para cima dela nem a espancarei como uma lavadeira qualquer.

Tenho a certeza de que ela falou com sinceridade. Oh, ciúme, aquele "monstro de olhos verdes"³⁰ no dizer de Shakespeare! Não: um bicho cego!

1. Combinações (em francês). ↵

2. William Shakespeare. *Otelo*, Ato III, Cena 3. ↵

18 de outubro: tarde da noite

Assegura-se que existem decisões espontâneas. Nosso cérebro elabora, sem nós mesmos repararmos nisso, tais opiniões que dirigem as nossas ações. Hoje me submeti, com certeza, a uma daquelas decisões espontâneas.

Pareceu a mim mesma que simplesmente queria passear, à noite, ruas afora. Mas por que me vesti da maneira mais simples, enverguei meu traje antigo, fora de moda, pus meu chapeuzinho do ano passado, abaixei um véu branco por sobre o rosto, fiz questão de não ser reconhecida? Vendo que estava para sair à noite, Lídotchka acorreu a mim com olhos assustados, arregalados: decerto achou que eu fosse visitar Modest.

— Minha querida menina, estou cansada e quero dar uma volta.

— Leve-me consigo.

— Não: quero ficar sozinha.

— Deixe-me mandar que preparem a carruagem.

— Não precisa.

Saí. Era a hora do crepúsculo. Os lampiões estavam sendo acesos. A rua estava cinza, medonha, inóspita. Apressados, atarefados, os transeuntes passavam ao meu lado.

Caminhei sem meta, ou melhor, sem meta consciente; nem me apercebi de ter ido até os bulevares.

Foi um velhinho que me "abordou" propondo "passarmos de carro". Era baixinho e asqueroso. Mudei de calçada.

Depois foram mais alguns frequentadores daquela rua que puxaram conversa comigo, sendo que um deles tentou seduzir-me com cinco rublos. Eu não lhes dava trela, e eles se afastavam de mim.

Assim caminhei até o templo de Cristo Salvador. Fiquei terrivelmente cansada. Os arredores do templo estavam bizarros. O edifício de alvenaria, de um branco translúcido, parecia espectral em meio às sombras. E as sombras balouçantes dos lampiões elétricos pareciam reais e vivas.

Por algum tempo, fiquei postada junto ao parapeito de pedra a circundar o jardim, depois tomei o caminho de volta. Por momentos, queria chamar por um carro de aluguel e ir para casa. Um quarto de hora depois, com certeza, faria exatamente isso.

Um jovem me alcançou à altura do bulevar Nikítski. Usava um chapéu de abas grandes e boas roupas. Obviamente, estava bêbado.

Disse-me:

— Madona! Permita-me ser seu pajem.

Olhei para seu rosto, com uma barbicha arruivada, e respondi:

— É velho demais para ser um pajem.

— Então seu cavaleiro.

— E o senhor foi sagrado cavaleiro?

— Foi o glorioso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha que me sagrou.

Aquilo tudo era estúpido, mas quem é que conta encontrar um "Pompeu" ou um "César" no meio da rua?

Caminhei docilmente ao lado daquele desconhecido, cuja tagarelice etílica seguia adiante:

— Madona! Escolho-a para ser a dama do meu coração esta noite. E do meu *porte-monnaie*³¹, se a senhora desejar. Será que um sentimento se mede em libras e *archins*³²? Eu lhe serei fiel por uma noite só, mas minha fidelidade será mais firme do que a do cavaleiro Toggenburg³³. Não terei tempo de desafiar para uma batalha, a fim de glorificar seu nome, gigantes nem feiticeiros, porém desafio o sono, o sono que vence tudo, e qualquer cansaço que houver, e lhe juro que combaterei esses demônios até quando a senhora se dignar a partilhar suas horas comigo. A fim de glorificar seu nome, disse eu, só que ainda não sei qual é.

— Tampouco sei como se chama o senhor.

— Chamo-me Dom Juan Fernando Cortés, Marquês do Vale de Oaxaca. Sou uma nova encarnação do conquistador do México. Mas, se acaso meu nome lhe parecer comprido demais, a senhora pode chamar-me de Juan, mui simplesmente.

— Permita-me então que o chame de Juan, porquanto meu nome é Dona Ana.³⁴

— Ó, Madona! Vamos ao nosso festim, e que a estátua de seu finado marido apareça em nossa frente na hora marcada. Comendador! Eu o convido: venha e faça as vezes de sentinela às portas da nossa alcova!

— O senhor tem de convidá-lo pessoalmente, por falta de Leporello?

— Leporello está esperando por nós. Mas, igual à divina Dulcinea transformada em Aldonça, ele foi transformado no garçom de um restaurante por um feitiço maligno. Vamos, pois, e a senhora o verá!

O desconhecido fez um sinal ao cocheiro e me propôs que subisse à sua calça³⁵. Obedeci. Fomos voando ao longo do bulevar, continuando nossa conversa jocosa.

Minutos depois, estávamos no quarto de um hotel. Havia champanhe em cima da mesa. Como se esclarecera que meu companheiro tinha um traje refinado e pertencia, a julgar por todos os indícios, às altas camadas da sociedade, fiquei receando que posteriormente ele me encontrasse em algum lugar e me reconhecesse. Solicitamente, servia-lhe mais e mais vinho, e ele se inebriava cada vez mais.

Havia uma tremenda tentação em não nos conhecermos, em termos saído do mistério, um pelo outro, e devermos retornar àquele mistério.

O desconhecido se ajoelhou diante de mim e se pôs a falar:

— Dona Ana! Você é linda. É mais linda do que todas as mulheres que já vi neste mundo. Se quiser, a partir desta noite, rasgarei minha vida ao meio e ficarei com você, doravante e para sempre. Serei seu cavaleiro, seu pajem, seu criado. Partiremos para sua verdadeira pátria, para Sevilha, ou para onde quiser. Largue sua vida, entregue-se a mim, e vou idolatrá-la como uma divindade.

Naquelas falas do desconhecido, havia tantas coincidências com os discursos de Modest que me senti apavorada. Busquei sacudir esse pesadelo de mim e levar nosso encontro para outro lado. Não me foi difícil fazer isso...

Mas quando, pouco depois, o desconhecido me beijava, extático, os joelhos, aquela sensação pavorosa se apossou novamente de mim: pareceu-me que era Volódia quem me beijava.

Separamo-nos ao amanhecer. O desconhecido me exigiu com insistência que lhe desse meu endereço. Dei-lhe algumas letras fictícias, propondo que me escrevesse para a *poste restante*.

Só que não quero ver meu Dom Juan nunca mais nesta vida.

Despedindo-se de mim, não sem hesitação, ele colocou uma nota de vinte e cinco rublos em minha mão. Aceitei-a. Aqui está o primeiro pagamento que recebi por vender meu corpo. Aliás, não: era meu marido que antes me pagava pela mesma coisa.

1. Porta-níqueis (em francês). ↔

2. Antiga medida de comprimento russa, equivalente a 71 centímetros. ↔

3. Protagonista da homônima balada de Friedrich Schiller (1759-1805), traduzida para o russo por Vassíli Jukóvski. ↔

4. Alusão à "pequena tragédia" *O Convidado de Pedra*, de Alexandr Púchkin, embasada na lenda tradicional sobre Dom Juan e universalmente conhecida na Rússia. ↔

5. Carruagem com dois assentos e quatro rodas, também denominada "caleche", um dos principais meios de transporte urbano na época descrita. ↔

Fico estonteada com as descobertas que fiz. Pela primeira vez na vida, estou com medo de conclusões definitivas. Estou com medo de pensar.

Hoje acordei tarde e demorei a levantar-me da cama. Confesso que temia dar de cara com Lídotchka. Ela sabia que eu voltara para casa tarde da noite e podia ter achado que eu passara a noite com Modest.

Eis porque me senti toda embaraçada quando Lídotchka se achegou a mim na sala de jantar, onde eu tomava meu café.

— Preciso falar com você, Natacha.

— Depois, minha menina: estou muito cansada, tenho dor de cabeça...

— Não, não... agora.

Terminando de tomar meu café, olhei para Lídotchka com atenção. Seu rosto estava pálido, mas sem rastros de lágrimas, e a expressão de seus olhos, algo seca e resoluta.

Passamos para a saleta íntima, e, uma vez lá, Lídotchka me indagou:

— Sabe quem esteve aqui ontem?

— Aqui onde?

— Em nossa casa.

— Quem foi?

— Modest Nikândrovitch.

— E daí? Ele não me encontrou em casa. Virá noutra ocasião.

Tive a ideia de Lídotchka querer porventura dar-me a entender que, sem me encontrar em casa, Modest me flagrara, por assim dizer, a traí-lo. Mas Lídotchka prosseguiu, encarando-me e, desde já, contando com seu triunfo:

— Ele não veio ter com você. Veio à nossa casa às escondidas.

— Está dizendo bobagens. Com quem, pois, é que ele veio ter?

— Com Glacha.

Era um absurdo. Comecei a interrogá-la. Lídotchka contou ter reparado, já havia muito tempo, em certas relações esquisitas entre Modest e Glacha. Na véspera, quando eu não estava em casa, adivinhara, por vários indícios, que Glacha não estava sozinha em seu quarto. Ficara espiando e, por volta da meia-noite, vira Glacha deixar Modest sair pela porta dos fundos. Ambos falavam sobre algo, mui animadamente, mas a meia-voz, e, indo embora, Modest beijara

Glacha na boca.

— Está vendo... — disse Lídotchka, com esforço. — Você o ama... e ele... ele a trai... com sua camareira.

O relato de Lídotchka deixou-me tão perturbada que o coração se agitou em meu peito e ficou latejando como que desprendido da sua mola. Ao acalmar, bem ou mal, Lídotchka, mandei-a embora e chamei por Glacha.

Não tive de falar com ela por muito tempo. Logo com as primeiras perguntas, Glacha confessou e, por certo impulso atávico, prosternou-se aos meus pés.

Era amante de Modest, sim. Ele a convencera de que a amava enquanto me cortejava a mim por ser um homem de honra (como não se envergonhara em repetir aquelas falas de Moltchálin^{36?}). Prometera que a levaria para sua casa, onde viveriam juntos, e lhe fizera vários presentes caros. Passeava

com ela fora da cidade, embebedava-a com champanhe e depois "se aproveitava da sua fraqueza e da sua credulidade". E eu não sabia nem me apercebia de nada!

Mas eis o que é o mais importante. Modest esteve com Glacha na noite de 15 de setembro, ou seja, na do assassinato. É verdade que ela mesma o levou para fora e fechou a porta atrás dele antes da meia-noite, e que ainda ouviu, retornando ao seu quarto, os passos de Viktor Valeriânovitch, que andava, de lá para cá, pelo gabinete. Por conseguinte, o assassinato foi cometido depois de Modest sair do nosso apartamento. Mas será que não pôde ter aguardado, por algum tempo, na escadaria e voltado com a ajuda de uma chave preparada de antemão? Essa ideia me acudiu de imediato e, qual uma flecha envenenada, ficou encravada em meu cérebro.

"Um homem moderno deve saber fazer qualquer coisa: compor versos e dirigir uma máquina elétrica, atuar no palco e matar" — foram as palavras de Modest, anotadas neste diário, que rememorei.

Quanto a Glacha, parece que tais suspeitas nem lhe passavam pela cabeça. Contudo, segundo ela diz, Modest ficou muito assustado quando soube do assassinato, chamou logo por ela e proibiu-a rigorosamente de contar a quem quer que fosse sobre a visita que lhe fizera na véspera... Glacha cumpriu sua exigência, mas, atormentada pela consciência, quer ir "revelar" tudo ao investigador.

É claro que Glacha me contou isso tudo de forma prolixa e confusa, interrompendo sua fala com prantos e soluços. Agora compreendo por que o tempo todo, desde o dia do assassinato, ela tem andado aflita e abatida. É preciso ter uma alma formada para guardar um grande segredo: os seres simplórios não

são capazes disso.

O que eu poderia responder a Glacha? Disse-lhe que certamente não precisava denunciar Modest. Ele fez mal em seduzir uma pobre moça, mas, em todo caso, não tem nada a ver com o assassinato, e seria perverso envolvê-lo nessa história. Em conclusão, prometi a Glacha que falaria com Modest a seu respeito para fazê-lo cuidar dela como se deveria. Separamo-nos, Glacha e eu, como duas amigas.

Ainda terei que pensar, e muito, em Modest. Mas o que valem agora todas as suas falas sobre a fidelidade e as traições? Como ele se indignava porque eu o "traía"! Ah, esses homens!

Quem já viveu e refletiu, não pode Deixar de desprezá-los em sua alma!³⁷

1. Alexandr Griboiédov. *A Desgraça de Ser Inteligente*, Ato II, Cena 12. ↔

2. Alexandr Púchkin. *Yevguêni Onéguin*, Capítulo I, Estrofe XLVI. ↔

Recebi uma carta terrível de Volódia. Havia tanto desespero em suas palavras, que logo fui à casa dele. Mas, nestes últimos tempos, todos os meus encontros têm acabado mal.

Os malogros começaram a perseguir-me ainda na rua.

Entenda-se bem que não pude usar nosso cavalo e saí caminhando. Dados alguns passos, um homenzinho se acercou de mim e se pôs a dizer algo fazendo medidas.

— Não conheço o senhor — disse eu. — O que deseja?

— Misericórdia! — rebateu o homenzinho. — Sou o titio da sua camareira Glacha, Serguei Khmyliov... A senhora se digna a lembrar?

Sabendo com quem estava lidando, eu disse com firmeza:

— Pedi ao senhor que não me incomodasse. Se não me deixar em paz, vou chamar a polícia.

— Por que a polícia? — retrucou Khmyliov. — Nosso assunto é delicado: temos que mexer com ele sem testemunhas estranhas.

Senti que a ponta do fio a formar todo um novelo de acontecimentos, bem enredado, estava nas mãos daquele homem. Ignorava se ele sabia de muita coisa, mas estava persuadida de que sabia de alguma coisa, sim. Ia devagar pela calçada, e Khmyliov me seguia, a passo miúdo e saltitante, e me dizia:

— Pois é à toa que está desprezando a gente, Natália Glébovna. Somos uma gentinha miúda, sim, só que o mundo se sustenta nesta gentinha aqui. O que lhe peço é a permissão de comparecer e de apresentar alguns documentinhos e argumentinhos: não mais do que isso. A senhora vai examinar as duas coisas e decidir se vale a pena desembolsar a quantia que lhe cabe pagar à gente.

— Uma vez já lhe recusei categoricamente — pronunciei, de modo entrecortado. — Por que é que o senhor não apresentou esses seus documentos noutro lugar? Pelo visto, não têm lá muito valor!

— Eh, minha senhora! Apresentar os documentinhos é rápido. E será, quem sabe, muito desagradável para alguém ali. Só que eu cá não tirarei nenhum proveito daquilo, ou então um proveito bem pequenino... E o que é que lhe peço, hein? Com seu cabedal, vinte mil são tostões para a senhora: se me pagar, nem vai reparar...

Pausadamente, eu disse:

— Está bem, vou pensar. Venha daqui a uma semana.

— Não — retorquiu Khmyliov —, daqui a uma semana será tarde demais.

Não tenho a menor possibilidade de esperar por mais de três dias.

— Como quiser — disse eu.

Logo subi à caleça mais próxima e mandei o cocheiro ir embora, sem escutar o que Khmyliov me dizia ainda. Contudo, fiquei desgostosa comigo mesma, no fundo da alma, por ignorar se fizera bem em recusar aquele homem. Talvez me cumprisse mesmo examinar seus "documentinhos". Aliás, esperava que ele me visitasse mais uma vez.

De súbito, quando virávamos a esquina do beco Nastássinski, um homem saltou da calçada, agitou os braços e fez meu cocheiro parar. Reconheci meu ruivo Dom Juan.

— Dona Ana! Dona Ana! — exclamava ele. — Eu me atirarei debaixo das rodas se a senhora não responder! Tenho andado louco desde aquele dia em que a encontrei! Não posso viver sem a senhora...

Os raros transeuntes paravam e olhavam para essa cena escandalosa.

— *Êtes-vous fou, Monsieur ? Je ne vous connais pas*³⁸ — disse eu, não sei por quê, em francês.

O cocheiro fustigou seu cavalo. Por uns dois minutos ainda, o desconhecido seguiu correndo a minha caleça, depois ficou para trás.

Meu humor se estragou em definitivo. Não era mais um desgosto e, sim, uma zanga comigo mesma e com o mundo inteiro...

No mesmo dia

Chegou Vera: interrompeu-me, passou uma hora sentada, dizendo bobagens. Continuo...

Encontrei Volódia num estado de extrema excitação. Ele emagrecera, como após uma doença grave. Com aquelas pupilas em brasa, parecia um pequeno profeta.

O que era aquilo? Ah, ele soubera tudo o que concernia às minhas relações com Modest, tudo mesmo e cabalmente; até lhe fora entregue uma carta minha, endereçada a Modest, que este teria dado um jeito de perder em algum lugar.

Desta vez, as informações de Volódia eram tão precisas que só me restava ficar pasmada ao pensar em quem poderia tê-las fornecido a ele. Tenho apenas uma hipótese, a de Modest ter participado dessa delação. Para se livrar do seu rival, chegara a informá-lo de si próprio e lhe enviara, ele mesmo, uma das

minhas cartas (não consigo acreditar que Modest a "tenha perdido"!). Um plano tão diabólico assim é digno da sua alma tenebrosa.

Em todo caso, negar era impossível. Disse francamente a Volódia que gostava dele, mas que sua alma pequena não me bastava. Há coisas demais em mim que ele não consegue entender. E não poderá ser meu companheiro em muitas coisas. É terno, tímido, sincero, virtuoso. Gosto disso tudo, sim. Mas, além disso, amo a força masculina, amo a paixão, amo os sentimentos requintados e rebuscados. Se ele quiser pôr os pingos nos is, sou depravada. Foi assim que Deus ou a própria vida me criaram, e quero continuar sendo eu mesma. Para ter um companheiro, um amigo, um amante, preciso de alguém que seja capaz de me entender inteira, de atender a todas as demandas da minha alma. Se não houver um só homem que seja assim, precisarei de dois, de três, de cinco... como é que vou saber de quantos? Que ele, Vladímir, torne sua alma mais sofisticada e mais sublime, que se eleve até meu nível, que me suplante nessa luta amorosa, e ficarei feliz de ser vencida. Não quero, porém, ceder a ele nem me fingir de vencida.

Foi aproximadamente o que disse a Volódia. Ele se quedou chorando baixinho. Senti muita pena dele e quis beijar sua cabeça escura, sua nuca bonita e tão amada. Mas me contive, resolvendo desembuchar a verdade toda.

— Assim, a senhora brincou comigo — disse Volódia, em meio aos prantos —, brincou como as crianças brincam com seu urso de pelúcia...

— Eu o amei, meu garoto!

Mal disse aquilo, Volódia teve um verdadeiro acesso de frenesi. Levantou-se num pulo e rompeu a gritar-me:

— Está mentindo! Todo o mundo sabe o que é o amor, mas a senhora e seus semelhantes deturparam o sentido dessa palavra! Transformaram o amor num joguinho de futilidades. Falam constantemente do amor, não fazem outra coisa senão examinar seu próprio sentimento, mas tudo isso está em sua cabeça e não em seu coração! O amor é uma devassidão ou um problema matemático para vocês! Quanto ao amor mesmo, ao sentimento que uma pessoa tem pela outra, não o conhecem.

— Suas palavras — disse eu, num tom frio, mas suave — apenas me provam, mais uma vez, quão longe você está de mim. Como exige que me entregue totalmente a você, se nem sequer me entende, hein? E, se eu for tão baixa como está dizendo aí, por que me exige que o ame?

Busquei falar de modo comedido e não me permiti, durante todo o nosso encontro, nenhuma palavra ríspida ou cruel em geral. Mas, decididamente, era algum demônio que possuía Volódia, visto que, sem dar ouvidos aos meus

argumentos, ele tornou a gritar comigo. Devia ter refletido sobre muitas coisas, em sua solidão dos últimos dias, e agora todas aquelas reflexões jorravam, qual uma torrente caótica, da sua alma.

— Tinha minha causa — prosseguiu Volódia. — Era uma pequena engrenagem, porém num grande mecanismo que funcionava para o bem de todo um povo e de toda a humanidade. Estava feliz com aquele trabalho meu e satisfeito com a consciência de minha vida ter alguma serventia. Você me arrancou daquele mundo; feito uma sereia, você me encantou com sua voz e me fez descer do meu navio. Mas o que foi que me deu em troca? Uma vida que põe o amor no centro do universo, como se fosse uma divindade, e depois substitui este mesmo amor por hipocrisia, por falsidade, por afetação! Você me ensinou a viver de um sentimento só e me serviu, você mesma, uma mentira esmerada em vez desse sentimento! Pouco a pouco, com sua perfídia e seus afagos, você me levou a ser seu gigolô. Tenho medo de me encontrar com meus amigos de antes. Tenho vergonha da minha vida, do meu rosto, das minhas mãos!

Possesso, Volódia gritou por muito tempo. Tentei objetar, mas ele não me deixou pronunciar uma só palavra. Cruzei os braços e, calada, fiquei olhando para ele. Afinal, tomado de uma raiva cega, Volódia pegou um livreto de Tiútchev, que estava em sua estante, jogou-o no chão e se pôs a pisoteá-lo. Consegui dizer:

— Aprenda que o primeiro indício de um homem civilizado é seu respeito pelo livro.

— Amaldiçoo seus livros! — gritou Volódia em resposta. — Vocês todos são livrescos, e seus sentimentos são livrescos, e suas ações são livrescas, e até mesmo falam como quem leia um livro. Não quero mais vocês! Quero minha liberdade, minha vida, minha causa de volta!

Decerto havia, naquilo que Volódia dizia, muita verdade (por isso é que anoto seus ditos aqui), mas eu não podia ceder a ele. Precisava defender minha liberdade de uma vez por todas. E lhe disse, tão fria como antes:

— Você é jovem. Tem uma vida inteira pela frente. Retorne aos seus amigos revolucionários. É provável que aceitem de novo um companheiro desgarrado naquele partido deles.

Ajeitando o chapéu, dirigi-me à saída.

Vendo-me ir embora, Volódia ficou mortalmente pálido, barrou-me a passagem e caiu de joelhos. Arfando, sem terminar suas frases, passou a implorar-me que não o abandonasse. Pediu-me perdão por tudo o que dissera e acabou por chamar a si mesmo de louco.

Dispus-me a fazermos as pazes. Mas quando, pouco a pouco, as relações cordiais começaram a restabelecer-se entre nós, Volódia me fez, de improviso, a

exigência seguinte:

— Pois você me jura que, daqui em diante, só pertencerá a mim? Vai logo mandar uma carta para aquele outro, dizendo que está tudo acabado entre vocês dois?

— Está enlouquecendo de novo — disse eu.

— Estou exigindo — repetiu Volódia, tornando a empalidecer.

Então lhe respondi firmemente:

— Eu mesma quero mandar no que for fazendo. Não posso admitir que alguém me exija alguma coisa. Tome-me tal como sou, ou então não terá nada de mim.

Dirigi-me outra vez à porta. E, outra vez, Volódia me barrou o caminho. Ficou lá, todo pálido, estendendo os braços como um crucificado.

— Você não irá embora!... — Não foi ele que o disse, mas apenas seus lábios.

Balançando a cabeça, tentei afastá-lo da porta. Volódia tombou no chão e me abraçou as pernas.

— Se for embora, eu me matarei!

Abri, com força, a porta e saí.

Se Vera não me achou interessante hoje, após uma tarde dessas, o que há de espantoso nisso? Ela me disse, aliás, que me achava indisposta. Mas bem sei o que essa palavra significa na boca de uma mulher.

1. O senhor está doido? Não o conheço (em francês). ↵

23 de outubro

Então está feito!

Meu destino está definido e se definiu inesperadamente.

A imagem do jovem crucificado junto a uma porta perseguiu-me a noite toda. Acordava em meio aos pesadelos e ouvia as palavras de Volódia: "Se for embora, eu me matarei!". Pela manhã, levantei-me tomada de tanta angústia que não tive forças para aguentá-la.

— Mas é um amor! — disse, de súbito, a mim mesma. — Mas estás amando aquele garoto verguio como uma ervinha.

"Então por que é que desistes do teu amor: será que tua liberdade consiste nisso?"

Mal o pensei, pareceu-me que tudo se resolvia bem facilmente. Logo me sentei à mesa e escrevi de uma vez só, sem rasuras, duas cartas: uma para Volódia, a outra para Modest. Antes de tudo, pedi a Volódia que me perdoasse. Escrevi-lhe que me recusara a mandar, na véspera, aquela carta que ele me exigia apenas por um princípio abstrato, a fim de preservar a minha liberdade, porém, na realidade, rompera total e definitivamente com "aquele outro" (isto é, com Modest). Ainda escrevi que havia tomado a firme decisão de partir o mais depressa possível e por muito tempo, por vários anos, para a Itália, querendo que ele, Volódia, fosse comigo...

Quanto a Modest, escrevi-lhe uma carta bem mais curta e seca, que tinha apenas algumas frases. Lembrei-o de me ter concedido o prazo de um mês para responder à sua proposta. Contudo, disse eu, já agora sabia muito bem qual seria minha resposta e podia dizer-lhe que nunca me tornaria sua esposa. Em conclusão, escrevi que, de acordo com suas próprias falas, considerava todas as nossas relações terminadas com essa carta e lhe pedia que não procurasse mais encontrar-se comigo. Já queria acrescentar o pedido de me devolver minhas cartas, às quais Modest não dava, pelo visto, muito valor, pois caíam nas mãos alheias, mas isso me pareceu por demais trivial.

De início, pensei em mandar ambas as cartas ao mesmo tempo, mas foi certa prudência instintiva que me reteve. Postei apenas uma das cartas, a que se destinava a Modest.

Logo em seguida, recebi a resposta. Modest se curvava à minha vontade,

mas pedia um derradeiro favor, o de ir à sua casa para me despedir dele. Após certa hesitação, concordei.

Tudo o que ocorreu naquele encontro foi tão imprevisito quão maravilhoso para mim. E as sensações vivenciadas naquelas horas que passei com Modest pertencem à categoria das sensações mais intensas que jamais experimentei.

Algo imprevisito esperava por mim logo atrás da porta de seu apartamento. Modest não me recebeu com seu traje comum, mas usando uma bizarra clâmide oriental, bordada a ouro. O interior de seus cômodos também assumira um caráter oriental, próprio da Caldeia antiga³⁹. Os quadros haviam sido retirados das paredes.

Relembrei as palavras da *maman* a afirmar que Modest era maluco, e fiquei assustada.

— Tu não enlouqueceste, Modest? — indaguei.

— Não, czarina! Mas quero passar essas horas sagradas da nossa despedida fora deste elemento execrável e insuportável que nos é contemporâneo. Tu andas atormentada, igual a mim mesmo, pela banalidade da nossa vida, e não quero que nossas últimas recordações venham a ser invadidas por qualquer coisa que faça parte dela, seja o toque de um telefone, seja o apito de um automóvel. Quero que mergulhemos, por algumas horas, numa atmosfera mais nobre.

Os aposentos de Modest estavam transfigurados, todos adornados no antigo estilo assírio. Modest conseguira algures uma porção de estátuas e de baixos-relevos que representavam os deuses e reis da Assíria, cobrira as paredes de insólitas armas antigas, transformara as lâmpadas em fochos, impregnara o ar todo de algum perfume cheiroso e picante, além de incenso. Senti-me como se estivesse num museu ou num templo, e foi uma sensação estranha, desconcertante, mas a realidade como que se afastou de mim, e quase esqueci por que estava ali.

Por muito tempo, Modest não me lembrou, com uma palavra sequer, nem da minha carta nem da sua. Num tom absolutamente sério, como se me tivesse convidado por essa única razão, ele me contou os mitos do herói Izdubar e de como a deusa Istar descera ao Inferno. Tocou-me, com um píforo singular, uma melodia simples, mas original, que chamou de hino à Lua. Depois me sussurrou meigas confidências de seu amor, transformando-as quase em salmos, falando em prosa cadenciada, valendo-se de expressões luxuriantes, puramente orientais.

O aroma do incenso deixou-me estonteada. Por algum tempo, mal entendi o que estava fazendo e dizendo. Quase me esqueci do propósito de minha visita. Estava bem com Modest e não me apressava a ir embora.

Fomos ao quarto de dormir. Erguia-se lá, no lugar da cama, um alto leito

sobreposto à imagem de quatro leões alados. No fundo do quarto, em cima de um tripé, fumegavam de leve algumas essências aromáticas.

— Talvez queiras adormecer-me e matar-me? — perguntei.

— Não, minha czarina — replicou Modest —: quero matar apenas as lembranças. É um sacrifício sem efusão de sangue. E ainda quero rezar aos deuses antigos para nos enviarem aquela plenitude da paixão e aquele olvido de nós mesmos que conheciam as pessoas de sua época. Quero rezar para o herói Marduque me amparar a mim e para a deusa Ea dar forças a ti.

Sem o mínimo traço de uma brincadeira ou de um jogo, Modest atirou alguns grãos sobre seu braseiro e caiu de bruços. Sua veste comprida se esparramou pelo chão, e sua cabeça negra tocou nele. Tão bem lhe caía aquela postura sacerdotal, que quase me senti naquela Babilônia antiga, como uma moça a esperar numa torre, à noite, pela descida do deus Bel... Por algum tempo, esqueci-me de todos os pensamentos que me afligiam e da minha vida como tal, lembrando-me apenas de estar a sós com ele, com o homem a quem me cumpria pertencer...

Costumo manter-me a qualquer momento, mesmo se for o mais íntimo de todos, em plena posse da minha consciência. Mas, daquela feita, a hora que passei no leito assírio, num quarto penumbroso, imersa naquele aroma das essências picantes, pareceu-me uma fusão do real e do onírico, algo que ficava à divisa da realidade e do sonho. Dizia alguma coisa, ouvia algumas falas, mas não saberia anotá-las aqui, com uma pena no papel, em sentenças gramaticalmente corretas: havia algo distinto naquilo...

Pouco a pouco, como se surgissem em meio àquela neblina que se dissipava, as palavras de Modest começaram a repontar diante de mim:

— Ainda assim, eu te amava, czarina, amava com toda a plenitude do meu sentimento, que não conhecia limites nem desejava lindes. O que quer que fizéssemos, tu e eu mesmo, quer tu compartisses meu amor, quer me insultasses, quer eu mesmo me atrevesse a um grande feito ou a um baixo crime, nosso amor permanecia inalterado. E o que quer que espere por nós no futuro, a vida ou a morte, a existência ou o nada, eu te amarei neste mundo e em quaisquer outros. Quer parta para minha longínqua ilha italiana, quer me dirija a lâmina assíria bem no coração, eu te amarei a ti. Hei de me exaurir com esta vida inútil, abençoando teu nome, e clamarei por ti no momento da minha morte, porque não tenho, não tive e não terei nenhuma divindade que não seja meu amor por ti.

Passei muito tempo escutando essas falas carinhosas, de olhos semicerrados, embalada pelas palavras ternas, iguais a uma música agradável, mas, de repente, fiquei sentada em nosso leito e, olhando bem para o rosto de Modest, perguntei:

— Modest, foste tu quem matou meu marido Viktor? Jamais vira ninguém empalidecer como Modest empalideceu ante minha pergunta. Naquela tênue luz das lâmpadas elétricas, veladas para representar os fachos, seu rosto me pareceu mais branco do que a própria cor branca. Seus olhos se fixaram em mim com aquela expressão de pavor que só se poderia ver desenhada. Calamo-nos, e o silêncio teria durado por meio minuto, e aquele quarto semelhante a uma cripta ficou tão silencioso que o crepitar das chamas em cima do tripé causou a impressão de um estrondo terrível.

Devagar, Modest também se sentou ao meu lado e disse em voz baixa:

— Fui.

E nos calamos de novo por algum tempo. Depois tornei a perguntar:

— Por que fizeste aquilo?

— Eu te amo — respondeu Modest.

— Não é verdade — retruquei brutalmente —: andaste exigindo, o tempo todo, que me casasse contigo. Quiseste aquele dinheiro que eu tinha herdado do meu marido!

E Modest me respondeu com muito enlevo:

— Eu te juro por tudo quanto for sagrado e reconhecido como tal por nós dois, juro pela Arte, juro pelo Amor, juro pela Morte (aquelas letras maiúsculas estavam em sua voz) que não é verdade! Fiz aquilo para te possuir inteira. Se conheceres minha alma, debes entender que o dinheiro em si não pode ser uma tentação para mim. Matei, sim. Matei para chegar ao derradeiro limite do meu amor. Matei para ficar consciente de ter sacrificado tudo por amor a ti: meu nome, minha vida, minha consciência. Quis ficar convicto da minha força e saber se era digno de te possuir. Eis-me aqui, derrotado: vi que era impotente, como todos os outros, vi que era indigno de ti, e tu me rejeitaste, e eis que aceito essa sentença minha com docilidade. Castiga-me agora, que tens pleno direito a tanto, mas não me ofendas com essas suspeitas que não mereci.

Proferindo esse discurso, Modest estava lindo. Parecia-se, de peito e pescoço desnudos, com um herói assírio. E, de improviso, um sentimento absolutamente novo cresceu em minha alma, cresceu de uma vez só, num só minuto, como uma arvorezinha mágica cresce, pelo que dizem, na mão de um faquir. De improviso, Modest ficou em minha frente com toda a sua altura, e compreendi finalmente que força se escondia nele, e agarrei seus ombros, e inclinei meu rosto em direção ao seu, e exclamei com uma franqueza suprema:

— Não, Modest, não! Não te chames de derrotado! Nada daquilo que eu te disse e escrevi é verdade. Eu te amo e serei tua, sim: tua mulher, tua escrava, o que quiseres. E tu vais viver, e seremos felizes!

Modest olhou para mim como se não entendesse minhas palavras, depois disse num tom lúgubre:

— Pois então tu me perdoas... Mas sabes que não consigo perdoar a mim mesmo, não sabes? Não devo mais ocultar nada de ti e te confesso: estou com medo daquilo que fiz. Achava que minha alma suportaria a provação por ser diferente das outras almas. E aqui estou, e por pouco não são meros remorsos que me atenazam como o mais ordinário dos criminosos! Às vezes, estou com medo de ficar sozinho, à noite, em meu quarto! É bem por isso que me chamo de derrotado. E tu tens de me deixar, Tália, porque me revelei indigno de ti... Estavas com a razão naquela tua carta.....

Mas já havia apenas um sentimento em mim, um êxtase desmedido, irresistível perante aquele homem que ousara cometer e cometera algo que um homem moderno não tinha a coragem de fazer. Naquele momento, Modest me parecia um verdadeiro *Übermensch*⁴⁰, e eu só queria uma coisa: salvá-lo. E lhe disse:

— Chega, Modest! Teus medos são um distúrbio passageiro de teus nervos, que conseguirás superar. Vai, pois, até o fim, porquanto já deste o passo decisivo. Agora te é vergonhoso falar em recuar ou fugir. Sê tal como eu quero ver-te, e me entregarei a ti toda, em recompensa, plena e inteira, como tu sempre o quiseste.

Não estava mentindo: era o que sentia naquele momento. Encorajava Modest, lembrando-o das suas falas de antes, apelava à sua inteligência e ao seu orgulho... Pouco a pouco, aquela expressão lúgubre desapareceu do seu rosto, e ele se submeteu à minha influência e voltou a ser ele mesmo, forte e resolutos...

E eis que sumiram dois amantes que estavam, meia hora antes, naquele quarto, e dois cúmplices ficaram em seu lugar. Deixamos de lado todas as discussões sobre o amor e a liberdade no amor, as quais nos pareciam, ainda havia tão pouco, mais importantes do que tudo no mundo. Passamos a conversar, de maneira prática, sobre o que tínhamos a fazer agora.

Provei a Modest que debalde se considerava tão seguro assim. Havia gente demais envolvida naquela história. Lembrei-o de Glacha e lhe contei sobre meu último encontro com Khmyliov. Contei de que modo desvendara, eu mesma, aquele terrível mistério. Agora bastava uma só palavra imprudente para plantar suspeitas em quem não se deveria plantá-las...

No fim das contas, decidimos que Modest teria de partir, sem demora, para o estrangeiro e de morar lá sob um nome falso. Quanto a mim, deveria esperar até serem ratificados meus direitos de herdeira e logo transformar todo o meu patrimônio em dinheiro vivo. Feito isso, haveria de me encontrar com Modest, e iríamos juntos, por alguns anos, para algum lugar bem distante, nem que fosse

Buenos Aires...

Foi cedo que saí do apartamento de Modest: não devemos dar margem a rumores desnecessários. Ao voltar para casa, rasguei a carta escrita para Volódia.

Meu Deus! E se alguém chegar por acaso a ver estas linhas? O que adianta guardar meu diário numa gaveta secreta? Há mãos que se metem em qualquer lugar.

Preciso recortar estas páginas.

1. Antigo país situado na parte meridional da Mesopotâmia. ↔
2. Além-Homem ou Super-Homem (em alemão): um dos conceitos centrais da filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), formulado em seu livro *Assim Falou Zaratustra*. ↔

Desde que anotei a confissão de Modest em meu diário, só me atrevo a retomá-lo ao trancar a porta do meu quarto. Mas devo guardar o que vivenciei hoje para mim mesma.

Pela manhã, recebi uma carta de Volódia. Ele se despedia de mim, escrevendo que não podia mais viver depois de eu, sua santa, ficar conspurcada aos seus olhos... Logo fui à casa dele, mas já era tarde demais. Volódia havia mandado que me entregassem aquela carta só de manhã e se dera, ainda à meia-noite, um tiro no coração. Levaram-no para um hospital, mas pelo caminho, num carro de "pronto-socorro", ele faleceu.

Não fui ver o corpo de Volódia: seria uma provação demasiado cruel para meus nervos.

Nada obstante, a imagem de Volódia persegue-me como um pesadelo. Vejo, por toda parte, seu rosto pálido, tal como estava quando ele me barrara, crucificado, o caminho até a porta. Aquele rosto vem surgindo diante de mim, ora num travesseiro, ora numa parede branca, ora num livro aberto. Seus lábios estão entortados, como se ele quisesse amaldiçoar-me. Tenho que me dominar, superando a emoção, senão acabarei enlouquecendo...

As últimas palavras que ele me disse foram: "Se for embora, eu me matarei!". Mas quantas vezes é que já me dissera antes que se mataria? Eu ia embora, sem escutar as suas ameaças, e ele não disparava um revólver em si mesmo. Será que posso, em sã consciência, aceitar esse seu sangue em minha alma?

Ainda assim, se não tivesse ido embora, se o tivesse tranquilizado, mais uma vez, com minha ternura e meu carinho, se mais uma vez o tivesse ludibriado com promessas e juramentos...

Pois bem: isso teria apenas postergado os acontecimentos...

E se nem sequer me tivesse postado no caminho de sua vida, se nunca tivesse perturbado sua alma ingênua, se tivesse deixado de introduzi-lo naquele mundo das paixões para cujas tormentas ele se revelara por demais fraco, por demais frágil?

Deus meu Senhor! Será que sou culpada de amar e de ser amada? Jamais reclamei o amor. Busquei apenas por uma coisa: que aqueles de quem eu gostasse quisessem passar algumas horas, alguns dias ou algumas semanas comigo.

Quando me recusavam, conformava-me com aquilo e não procurava mais por eles. Concedia-lhes a todos a liberdade de me amarem ou não, de me serem fiéis ou de me abandonarem. Por que é que eles não me concedem igual liberdade, exigindo que eu ame sem falta tal homem, e que o ame precisamente como lhe aprouver a ele e por tanto tempo quanto for de seu agrado, ou seja, eternamente? E, se eu lhe recusar, ele se mata, e o mundo inteiro fica gritando para mim: "Você é assassina!".

Quero ter liberdade no amor, aquela liberdade da qual vocês todos andam falando, mas que não dão a ninguém. Quero amar ou não amar, ou deixar de amar, por minha vontade ou então, tudo bem, por uma veneta minha, mas não pela de vocês. A todos, a todos mesmo é que estou pronta a conceder o mesmo direito que tenho reclamado para mim.

Dizem-me que sou bela, e que a beleza impõe obrigações. Mas nem escondo, como quem seja avarento, sovina, esta beleza minha. Admirem-me, tomem minha beleza! A quem já recusei dentre os que se esforçaram sinceramente para me possuir? Mas por que é que vocês querem fazer de mim uma propriedade sua, apropriar-se da minha beleza? Quando me livro das suas correntes, vocês me chamam de prostituta e se atiram no coração à guisa de seu último argumento!

Ou sou irremediavelmente estúpida, ou estou louca, ou então se trata da maior injustiça deste mundo, a qual tem perpassado os séculos. Todos os homens estendem as mãos até uma mulher e lhe gritam: "Eu te quero, mas deves ser só minha e de mais ninguém, senão és uma criminosa!". E cada um deles tem a certeza de possuir todos os direitos sobre cada mulher, enquanto ela não tem direito algum sobre si mesma!

Volódia, meu amado Volódia, meu querido garoto que teria descido daquele retrato de van Dyck! Como estive bem contigo, numa gôndola negra, no meio de um dos canais, algures ao lado de Giovanni e Paolo⁴¹, escutando serenatas venezianas e olhando para teus olhos humildes debaixo das sobrelanceiras tão grandes! Como estive bem contigo em nosso quarto, que depois adornaste com aquelas gravuras a imitarem Rembrandt, onde passavas dias e semanas à espera da minha chegada! Que lábios carinhosos é que tinhas, com aquele cheiro de morango silvestre em julho, que ombros delicados, como os de uma mocinha, que eu queria morder até sangrarem; como sabias balbuciar aquelas palavras ingênuas e, ao mesmo tempo, apaixonadas... Nunca mais te beijarei nem te abraçarei, nem te verei, meu garoto!

Perdoa-me, Volódia... se bem que não seja culpada da tua morte. Eu te dei tudo o que pude ou, quem sabe, ainda mais. Não pude dar-te o que me exigias.

Mas não preciso pensar naquilo, não preciso mesmo, senão enlouquecerei. Cumpre-me superar a emoção, dominar a mim mesma, esquecer a imagem do jovem crucificado junto àquela porta! Ah, que peso é que sinto hoje!

1. Uma das mais belas e conhecidas praças de Veneza. ↵

Cerca de um ano depois

É com asco que volto a segurar este caderno. A ideia de os dedos alheios terem folheado estas páginas, de os olhos de outrem terem lido as minhas confissões mais íntimas, tornam-no odioso para mim. Mas, seja como for, vou anotar nele, simples e brevemente, os últimos acontecimentos de minha vida, para que a narração iniciada aqui não fique sem desfecho.

Um dia depois do suicídio de Volódia, Modest foi preso. Prenderam-no na estação ferroviária, quando já estava prestes a partir para a Finlândia e, de lá, para o estrangeiro. Esclareceu-se que suspeitavam dele havia muito tempo, buscando apenas reunir mais provas, e portanto o deixavam, até o momento certo, em liberdade. A seguir, prenderam a mim também, de sorte que passei várias semanas numa cadeia de verdade, até meu tio se responsabilizar por mim e pagar uma fiança.

A princípio, meu diário caiu nas mãos da polícia, que chegara, fazendo uma busca em minha casa, a encontrá-lo na gaveta secreta da minha escrivaninha. No entanto, o tio Platon conseguiu, como meu procurador, fazer que este diário lhe fosse devolvido, a par de diversos "papéis irrelevantes", sem ter sido entregue ao investigador e incluído na categoria de "provas materiais". Caso contrário, existiriam todas as provas para me acusar a mim, se não de cumplicidade, ao menos de "não ter delatado" o criminoso que conhecia. O mais provável é que acabasse sendo absolvida pelos jurados, mas teria de aturar todas as humilhações de um julgamento. E agora, tendo a investigação prévia elucidado a minha "não participação" no crime, não precisei ficar sentada no "banco dos réus", sob os lornhões⁴² das minhas amigas de antes...

Foi assim, pelo menos, que meu tio Platon me explicou o decurso dos acontecimentos, cobrando-me dez mil pelos seus esforços. Aquele dinheiro teria sido usado, segundo ele me disse, para "untar" a quem de direito... Não confio muito em todo aquele relato e antes me inclino a pensar que meu diário, se realmente passara pelas mãos de alguém, não caiu nas dos policiais, mas tão somente nas do meu tio, e que o total de dez mil rublos ficou todo em seus bolsos. Juro, porém, que minha situação não era a de quem pudesse barganhar ou discutir: teria desembolsado, e com prazer, o quádruplo apenas para me livrar daquele vexame.

As provas contra Modest eram contundentes. Glacha contou tudo e ainda se recordou de que a chave da nossa porta dos fundos sumira após uma das suas visitas, precisando-se então fazer uma duplicata. No meio dos objetos encontrados no quarto de meu marido após o assassinato estava um botão da manga do terno de Modest: fora Viktor que o agarrara, enquanto se defendia, pela manga e acabara por arrancar aquele botão. Esclareceu-se em definitivo que, na noite do assassinato, Modest voltara para casa só ao amanhecer, etc.

De resto, Modest não se opôs às evidências. Quando se viu inculcado pelas circunstâncias, confessou seu crime e contou detalhadamente como o havia cometido. Ao mesmo tempo, com toda a firmeza, insistiu em dizer que eu não sabia de nada, nem antes nem depois do assassinato, que nunca, com uma palavra sequer, ele me dera a entender que era o assassino. Dizem que me prestou um grande favor com essa sua firmeza. Se Modest tivesse deixado escapar que me confessara seu feito, não teria eu evitado aquele banco com os gendarmes⁴³...

Os escribas dos nossos jornais tiraram muito proveito daquela história escandalosa. De início, quando eu lia tudo quanto se escrevesse na "imprensa" sobre Modest, sobre mim mesma e meu marido, tinha acessos de fúria por estar consciente da minha impotência ante tais ofensores descarados. Queria correr a algum lugar, cuspir na cara de alguém. E depois... depois cessei de ler os jornais e, de repente, compreendi que tudo quanto se escrevesse neles não importava em absoluto.

Modest declarou que cometera seu crime por ciúmes. Segundo contou, estava cego de amor por mim e não conseguia mais suportar a ideia de qualquer outro homem ter intimidade comigo. Relatou que, ao penetrar no gabinete do meu marido à noite, exigira que Viktor se divorciasse voluntariamente de mim. Quando Viktor se recusara a fazê-lo, Modest ficara irritado, pegara aquele haltere que estava na estante e, fora de si, matara seu rival... Decerto esse relato não poderia parecer verossímil a ninguém, pois continuava sendo incompreensível o motivo pelo qual Modest tivera de ir ao gabinete de Viktor às escondidas, à noite, com a ajuda de uma chave furtada... Modest explicou aquilo com um capricho de sua alma artística, só que ninguém está inclinado a considerar admissível, para um homem dos nossos dias, aquilo que nos cativa em Benvenuto Cellini ou Caravaggio.

Durante o processo, Modest se comportou com dignidade. Assim me contaram, já que eu mesma fiquei ausente. Fui convocada apenas como uma das testemunhas, porém, às vésperas da audiência, adoeci tendo um distúrbio nervoso por causa de todo o vivenciado, de sorte que se achou possível examinar a causa sem minha presença. Por exigência de Modest, o advogado alicerçou todo o seu

discurso no fato de o réu ter sido transtornado pelos ciúmes. Aquilo não pôde sensibilizar os jurados. Modest foi condenado a dez anos de trabalhos forçados. Foi horrível!

Quanto a mim, estou convencida de que Modest é uma das personalidades mais notáveis da nossa época. É protótipo daquelas pessoas que viverão nos séculos por vir e fundirão em si o refinamento da cultura posterior com a força de vontade e a resolução do homem primitivo. Também estou convencida de que Modest é um grande pintor, e que, com outras condições de vida, seu nome estaria inscrito no livro de ouro da humanidade e repetido por todos com uma admiração vibrante. Mas o que tem a ver com isso um jurado "mediano", aquele senhor dos destinos humanos, tão medíocre quão internacional, aquele votante sem cara que outrora condenou Sócrates a uma copa de *omeg*⁴⁴ e, há pouco tempo, Wilde ao cárcere de Reading?⁴⁵

Em seu "último discurso", Modest pediu que seus quadros fossem doados a um dos museus de arte. É pouco provável que seu pedido venha a ser atendido.

Até o fim, não consegui sair da Rússia: primeiro fiquei impedida pelo meu compromisso de não deixar a cidade, e depois estive doente. Antes de ser mandado embora de Moscou, Modest me pediu que fosse vê-lo. Não me atrevi a recusar-lhe, conquanto achasse que esse encontro haveria de ser uma tortura a mais para ele e para mim mesma.

O semblante de Modest havia mudado pouco, mas o roupão de detento tornava-o horrivelmente feio. Lembrei-me dele com aquele manto de sacerdote assírio e fiquei soluçando. Modest me beijou a mão e disse apenas:

— Eu te isento de todos os teus juramentos.

Não lembro mais o que lhe dizia: eram, por certo, algumas bobagens insignificantes.

Daqui a poucos dias, partirei para o Sul da França. Não tenho mais forças para morar na Rússia, onde meu nome se tornou sinônimo de tudo o que houvesse de vergonhoso. Não ousa aparecer em público, pois haverá quem me aponte com o dedo. Temo encontrar meus conhecidos na rua, pois não sei se vão querer cumprimentar-me. Nenhuma das minhas amigas de antes veio para me expressar sua compaixão. E agora eu daria valor até mesmo às suas consolações!

Estou deixando a gestão de todos os meus negócios nas mãos do tio Platon e da *maman*. Ambos estão muito contentes com isso e, certamente, vão lucrar bastante com meu dinheiro.

Lídotchka partirá comigo. Sua fidelidade, seu carinho, seu amor são a última alegria da minha existência. Oh, mas preciso tanto daquele toque afetuoso das mãos e dos lábios de uma mulher!

1. Par de lentes munido de um cabo longo e ainda usado, em princípios do século XX, como óculos. ↔
2. Na Rússia czarista, militares da corporação policial incumbida de manter a ordem pública. ↔
3. Planta venenosa, similar à cicuta (em russo). ↔
4. Menção à morte do filósofo grego Sócrates (cerca de 470-399 a.C.), executado por "ter corrompido a mocidade ateniense", e à reclusão do escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900), condenado a trabalhos forçados por homossexualidade. ↔

UM ROMANCE SUI GENERIS

1 – O autor e a gênese histórica

Ainda desconhecidos em nosso país, *As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher* e Valéri Briússov – obra e autor – chegam ao leitor brasileiro nesta caprichosa publicação da Editora Lume, com esmerada tradução e notas de Oleg Almeida. Trata-se de uma novela curta e arrebatadora, escrita em chave cronológica, em cuja estrutura formal deslinda-se uma narrativa com a superposição de situações, oscilando entre a comunicação de um fato e considerações ou análise de ordem pessoal sobre um evento trágico. Eis a história de uma mulher marcada pelo assassinato do marido, um militante da direita engajado na luta contra a monarquia vigente. Após sua viuvez e luto, ela se depara com o sentido da liberdade, mas em seu trajeto a busca pelo prazer acena com o desencadear de outra tragédia, fantasma com o qual tem de lutar até o fim.

Autor prolífico e polímorfo – Briússov foi poeta, dramaturgo, historiador, crítico e tradutor – pertence a uma geração forjada sob a égide do simbolismo, à qual integraram-se Innokênti Ânnski, Konstantin Balmont, Dmítri Merejkóvski, Ivan Konevskói, dentre outros que, ainda na poesia, são epígonos do "século de prata" que vai desembocar no sucedâneo desse movimento, a fase nomeada como "decadentismo russo", da qual foi um dos expoentes. No entanto, dentro de uma concepção estética mais alargada ou híbrida, considera-se que Briússov tenha ultrapassado os registros das correntes simbolista e parnasiana da literatura russa para inserir-se no movimento decadente, que surge como atalho aos cânones anteriores e o catapulta para o cenário dos escritores modernistas arrojados.

O decadentismo surge a partir de 1892, quando Merejkóvski, numa conferência intitulada *Das causas do declínio e das novas correntes da literatura russa moderna* identificara o surgimento de uma "arte simbólica", por meio da qual nascia um novo olhar humano e político. Nesse contexto assinala outros representantes que se tornariam conhecidos internacionalmente, entre os pioneiros da poesia pré-revolucionária, como Anna Akhmátova, Óssip Mandelstam, Boris Pasternak, Marina Tzvetáieva etc., e nesse interregno de amplificação dos postulados da poesia e da ficção naquela altura, seriam revelados outros representantes de uma arte marginal.

Notabilizado por cerca de uma dezena de romances, entre os quais *O Anjo*

de Fogo (1908), um rastreio social e psicológico da Alemanha do séc. XVI, e *O Altar da Vitória* (1913), um painel sobre a vida na Roma Antiga, o autor vai também beber em outras fontes, com ressonâncias de Edgar Allan Poe, H. G. Wells e Camille Flammarion em sua escrita. Desse período, surge *A República do Cruzeiro do Sul*, um conto emblemático, já antecipando uma visão distópica do autor a partir de um acontecimento surreal, quando uma cidade é afetada por uma doença psíquica, o que se torna avassalador para a vida de seus habitantes, e que guarda parentesco com *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, ou podemos vislumbrar uma leitura simbólica da recente tragédia sanitária da pandemia de Covid-19.

O simbolismo e o decadentismo europeus de então lançam fachos sobre seu percurso, influenciando sua obra, além de receber bafejos da filosofia e do campo científico através de Nikolai Fiódorov e Konstantin Tsiolkóvski. Embora na Rússia a vertente simbolista ainda não tenha sido sacudida por um sopro radical de vitalidade, Briússov fez chegar as novas ideias em textos que assinou sob vários pseudônimos, como forma de atrair leitores e adeptos dessa escola, resultando numa feliz estratégia que angariou simpatizantes e cultores. A partir daí, sua praxis foi notada e amplificada entre escritores emergentes, além da experiência fulcral como editor da revista "Vessy" (A Balança), que consolidou seu prestígio literário.

Briússov percorreu um ambiente criativo que explora as formas poéticas e uma escrita que permeia o lírico-sensual, no bojo de uma consciência que seria um contraponto ao movimento de Gueórgui Tchulkov e Viatcheslav Ivânov, que propugnavam por um salto entre o anárquico e o místico.

2 – A trama e seus contornos

As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher consiste numa meteórica novela escrita, como já dito, sob a perspectiva de um diário, na qual percebem-se no estilo de Briússov as características e corolários que identificam uma narrativa sob o escopo decadentista, que surge como uma reação ou caminho paralelo ao realismo-naturalismo, com a predominância de um olhar subjetivo sobre o mundo, as emoções e o quotidiano.

Nota-se uma certa disposição à contemplação e à fruição de emoções e do exacerbamento das sensibilidades, o que se transmite por meio de uma linguagem que explicita certa frivolidade da personagem principal, Tália, evidenciando uma propensão a explorar a beleza artificial, o estilo, a melancolia. Nesse particular, o autor encarna a voz de uma mulher que não recua diante de seus objetos de

desejos, embora sua libido desvie de um para outro sem qualquer expectativa de completude.

No decorrer da história e seus labirintos emocionais e afetivos, reflete-se um certo spleen, num viés de desregramento ou de expansão dos sentidos, às vezes anunciado num tom pueril de um conto de fadas, como se tudo se resumisse ao encontro da felicidade, sobretudo da observação e das reações tanto interiores quanto do mundo de fora:

Ao tomarmos chá, fomos à floresta. O dia estava ensolarado, "à moda de Tiútchev", "como que cristalino". Havia uma placidez irresistível naquele céu límpido. A natureza aparentava dizer ao inverno que estava chegando: "Crucificai-me, matai-me, que me resignarei aos suplícios e morrerei sem queixumes...".

Eu corria pela relva desbotada, igual a Maria Stuart no terceiro ato da tragédia de Schiller. Cantava modinhas como quando passeava, aos quinze anos de idade, com os ginásianos apaixonados por mim. Vendo um esquilo, que se safara de mim bem no topo de um pinheiro, fiquei alegre como uma criança. Ah, mas em cada pessoa se esconde aquela sede de vida primitiva, e transparece às vezes, através dos breves milênios de vida civilizada, o espírito daqueles longos milhões de anos em que o homem deambulava, com os bichos, pelas florestas virgens e se abrigava, com os ursos, nas cavernas!

Caminhamos até o barranco de Maria e, uma vez lá, ficamos sentados num banco, acima do rio. Eu esperava pela conversa importante que me fora prometida. Parecia que Modest, a despeito de seu hábito, não encontrava palavras certas. Depois, pronunciando-as com certo esforço, perguntou:

— Responde-me com toda a sinceridade e toda a firmeza: tu me amas e amas tão só a mim?

Sua frase foi tão dissonante naquela harmonia do dia outonal e da minha alegria! Mas sei, há muito tempo, que não se pode dizer a verdade aos homens e respondi submissa:

— Sim, Modest: amo tão só a ti.

Após outra pausa, Modest me perguntou de novo por algo similar, e de novo, sem discutir, eu lhe dei uma resposta convencional, estereotipada. (Briússov, 2024, pp. 25-26)

No cerne da trama, as motivações dos personagens coincidem com aquele espectro que sinaliza a expressão artística do decadentismo, por onde e(s)coa um pensamento alinhado com uma crítica ao comportamento e ao mundo de então, segundo o qual a escrita, em sua absorção formal e conceitual, quer distanciar-se de uma sociedade alienante, aprisionada por regras em que a subjetividade e a emoção parecem condenadas. Assim denotamos quando o pintor Modest

Nikândrovitch Ilêtski derrama seu amor por Tália, cuja alma atormentada vive um conflito interior, pois perdera o marido Viktor, há dez dias, assassinado em circunstâncias misteriosas, a quem já havia traído com este que agora implora seu amor:

— Tália! Quando, naquele dia, cheguei a falar contigo sobre a mudança ocorrida em nossa vida, tu mandaste que me calasse. Mas eu tenho de te dizer o que estou pensando, pois disso depende tudo para mim mesmo. Sei que amaste muitos homens antes de mim, e que tenho sido apenas um novo brinquedo interessante para ti. (Eu quis replicar, mas Modest me fez o sinal de ficar calada.) Só que eu não te amo dessa maneira, mas de verdade, com um amor encarniçado e ilimitado. Mesmo se me disseses que meus sentimentos são primitivos e asselvajados, não abrirei mão deles. Eu te amo como ama um homem simples, que não fica filosofando sobre seu amor, como se amou nos séculos passados e ainda se ama hoje, por toda parte, além desta nossa chamada sociedade civilizada que vive brincando de amor. Com toda a ingenuidade é que quero possuir-te inteira, tendo todos os direitos que puder em relação a ti. Até agora, a ideia de haver algo que nos separa, de outro homem tocar em ti, de estarmos obrigados a esconder nosso amor, tem-me deixado furioso e desesperado. (Briússov, 2024, pp. 26-27)

Sobressai, no decorrer de todo o diário, que Briússov vai enxertando em toda a narrativa um trânsito intertextual, requinte que vai emular analogias e diálogos semânticos com outras histórias, como ao citar as tragédias clássicas, a mitologia e um flerte no rico imaginário da literatura poética e ficcional, recurso que traz sofisticação ao conjunto.

Nesse drama escandido em anotações diárias, expõe-se o inconformismo de uma mulher que não acredita numa relação exclusiva. O esforço com que Modest tenta convencer Tália (que também está dividida pelo amor de Volódia) de seu desejo por ela é o tempo todo confrontado com o ceticismo que a corrompe, e assim usa, como alibi para desiludi-lo, o fato de ela já ter vivido uma experiência de traições com Viktor, que poderá repetir-se ao se envolverem numa relação duradoura, reforçando a certeza de que a (sua) vida é cercada de instabilidades, e mais forte é a descrença nesse amor que lhe é redundantemente, e quase em tom de súplica, oferecido.

— Minha querida Tália! Sou um pouco diferente dos outros homens. E me reservo o direito de não amar como os outros amam. Preciso que meu amor por ti receba plenamente tudo quanto ele desejar. Não quero nem posso viver sem isso. Queimarei todas as minhas pinturas, doarei minha biblioteca, nem tocarei mais num pincel e, se continuar vivendo, farei isto apenas por desprezar o suicídio. Será que tu entendes a volúpia de um jogo grande,

quando o jogador chega a arriscar todo o seu patrimônio? Pois então: eu também apostei toda a minha vida nesta carta de meu amor por ti...

Será que ele mesmo acreditava em suas palavras? Duvido disso. É um homem por demais forte, por demais multifacetado, para ver todo o sentido de sua vida no amor. Apenas imaginou que arrancaria, com suas ameaças e lisonjas, meu consentimento...

E mesmo se o que Modest me dizia fosse verdade! Será que, tão só para prevenir esse seu "suicídio artístico" (assim é que me cumpre chamá-lo?), teria de me casar com ele? Meu Deus! Sou jovem, bonita, estou rica... então por que entregaria tudo isso às mãos alheias?

Por que deveria pensar mais em Modest do que em mim mesma?

Pois sim: gosto de Modest, ou melhor, admiro uma rara combinação da inteligência e do talento, da força e da fineza, que há nele. Mas posso mesmo ter a certeza de que sempre vou gostar dele, de que nenhum de nós dois acabará mudando? Sei por experiência o que significa viver com um marido odiado. Mas Viktor me deixava, pelo menos, totalmente livre, e Modest tem sido exigente, cruel, ciumento... (Briússov, 2024, pp. 37-38)

Num espelho cultural e comum invertido, há uma troca no que se espera de um corpo feminino, geralmente marcado pela inibição sexual e a prospecção do amor, e o corpo explicitamente erotizado e aprovado pela moral e a ética dominantes. À mulher até pode ser permitida a liberdade sexual, desde que seja discreta perante a sociedade, como é instigada por sua mãe a fazer. Mas a personagem sugere em seu caderno que não sabe muito bem o que quer, mas que, onde há falta, há desejo; ela cede e não se nega a experimentar parcerias, mesmo que provisórias, que lhe tragam satisfação.

Ora, Briússov projeta para Tália caminhos dissonantes dos que, por exemplo, Flaubert traçou para uma Madame Bovary, que perseguia nitidamente a realização na escala social e numa relação amorosa da mesma maneira dos romances que aprendeu a ler; ou de um Balzac, que desenhou Julie, uma mulher deprimida, presa a um casamento e subjugada a seus deveres sociais. Mas, para a personagem briússoviana, o mundo não lhe interessava, senão pelo desejo de explorar outras possibilidades no escrutínio dos sentimentos, numa dúvida pendular entre Modest, Volódia e a liberdade. Mas essa aparente forte mulher, na verdade, torna-se volúvel, e não importa descobrir as razões do assassinato de seu marido, mas tão somente interessa e importuna-lhe o seu estado de espírito ou nenhuma preocupação em manter-se no espectro ou na aparência de "virtude angelical". Sabemos que para amar é preciso que saibamos renunciar a uma parte de nosso narcisismo, mas o que ela parece conseguir é ter de escolher entre um ou outro, conforme o excerto:

Quero guardar Volódia para mim por muito tempo, por alguns meses ou talvez, quem sabe, por alguns anos. Quero ter tanto o direito como todas as possibilidades de amar quem ainda me agrada no futuro e a quem agrada eu mesma. Por mais profundo e variado que seja o amor de um homem, ele nunca substituirá o que pode oferecer um outro. De vez em quando, vale a pena a gente "se dar" a alguém por um gesto, por uma palavra, por uma entonação de voz. (Briússov, 2024, p. 38)

O foco no comportamento central da personagem Tália, que não se adestrava às algemas das conveniências nem às exigências de uma mãe (a quem inquina de "gênio mau de toda a nossa família") para que a fortuna deixada pelo marido não fosse dissipada, pois não aceitava o conluio da filha com uma figura de extrato social inferior ("que assumira o papel de uma aristocrata e nos ensinara a desprezar as pessoas de 'baixa' estirpe") é tema determinante na história, o que levou a obra de Briússov a receber uma pecha maldita, tanto pela moral da época quanto – sobretudo – pelo sistema político coercitivo opressor, sendo censurada e incluída no índice das proibições.

Nesse deambular tensionado em que Tália acusa a mãe de tê-la feito refém de suas intenções, explodindo-se num desabafo confessional,

(...) nada é mais odioso do que a própria noção de mãe. Amaldiçoo minha infância, amaldiçoo as primeiras impressões de minha vida, amaldiçoo toda a minha donzelice: aqueles bailes, passeios e romances de veraneio, aquela troca de bilhetinhos de amor! Ou aquilo tudo foi um logro tramado pela minha mãe, ou então acabou sendo envenenado pela sua difamação da vida e das pessoas. Minha mãe me preparou para uma só coisa, para ser devassa e vender a mim mesma. Ó, minha mãe, como ainda não me afoguei naquela lama à qual a senhora me tinha atirado, com tanto desvelo, para nela pescar meu bem-estar cotidiano?... (Briússov, 2024, pp. 42-43)

acaba por desdobrar-se um sentimento fora dos padrões, ao ser suscitado um amor homoafetivo e incestuoso pela irmã Lídia, o que escandalizaria o regime da época (e hoje também – o incesto é algo não tolerado):

— Está apaixonada, Lídotchka, não está? — digo eu. — Confesse-me, que sou sua irmã.

— Estou, sim! Estou! — soluça Lídotchka.

— E o que há de terrível nisso? O amor é sempre uma felicidade. Se aquele que você ama também a amar, é uma felicidade alegre. Se não, é uma felicidade triste. E nem sei qual das duas é mais sublime, mais bela, mais nobre. A segunda é mais profunda e mais pungente, mas a primeira é mais ampla e mais fúlgida... (...)

— Minha menina, diga-me: quem é que você ama, hein?

Lídotchka permanece calada. Então afasto suas mãozinhas dos seus olhos chorosos, beijo-lhe os lábios e digo, buscando exprimir a maior ternura possível com minha voz:

— Diga-me, diga à sua irmã quem você ama...

— Você! (Briússov, 2024, p. 47)

A confissão provoca, a princípio, uma reação irredutível da irmã,

— Pense bem, Lídotchka! — digo eu. — Como pode chorar por amor a mim? Sou sua irmã e também a amo, e nada nos impede de amar uma à outra. Então por que esses prantos? — Eu amo você de outro jeito, sim, de outro! — grita Lídotchka. — Estou apaixonada por você. Não posso viver sem você! Quero beijá-la! Não quero que alguém mais a possua! Você deve ser minha! (...)

— Não sei de nada! Só sei que amo você! Amo seu rosto, sua voz, seu corpo, suas pernas. Odeio a todos os que você deixa beijá-la! Odeio Modest! Pisoteie-me até a morte, que me será agradável. Mate-me, esgane-me, que não posso mais viver! (Briússov, 2024, p. 48)

que abdica (naquele momento) de dar prosseguimento a essa aventura, alegando, em clave de autocensura: "não posso, de modo algum, compartilhar um amor desses. As relações entre mulheres sempre me foram abomináveis".

3 – Quebrando tabus

Valêri Yákovlevitch Briússov (1873-1924) é um escritor que exprimiu o *zeitgeist*, identificado com o seu tempo e em sinergia com suas transições sociais e metamorfoses políticas. Tendo nascido numa Rússia czarista e atravessado a agitação bolchevique que desaguou na Revolução de 1917 e a consequente implantação do socialismo soviético de cariz marxista-leninista, experimentou os dois lados da mesma opressão: a do absolutismo imperial e do comunismo, com suas proibições, censuras e perseguições. Por isso, sua escrita é caudatária das próprias experiências vivenciais e as do seu povo, registrando-se no bojo de sua ficção a denúncia dos processos de garroteamento das liberdades individuais e coletivas e do aparato estatal de controle policial-repressivo de ordem política e moral, que coloca a todos e a tudo sob o tácio da suspeita, seja nos costumes, no pensamento, no boicote à expressão corporal e sexual ou na oposição ideológica, muitas vezes provocando cenas com digitais kafkianas, de perguntas vazias e insolentes, que expõem o indivíduo a penosos inquéritos e tortuosas investigações

por funcionários subservientes e hipnotizados, espelho do próprio absurdo, como registra a personagem em suas anotações de 11 de outubro:

Acabo de voltar da delegacia, para onde fui convocada mediante uma intimação. Até agora estou toda trêmula de tão indignada. Não foi um interrogatório, mas uma chacota pura. Não sei como me cumpre agir.

Fiquei, antes de tudo, irritada com a própria aparência daquele senhor investigador. Mal entrei na delegacia, senti que o odiava. É tão magro que bem poderia servir de ilustração para o conto *A Sombra*, de Andersen. Seu rosto está terroso, sua voz é vibrante, e a impressão que ele produz é a de ser uma paródia viva. Como se isso tudo não bastasse, é insolente e grosseiro.

De início, o investigador me instava a explicar-lhe os caracteres dos nossos criados. Mas dou minha palavra de honra: mesmo se souber algo sobre Glacha e Maria Stepânovna, não posso dizer nada a respeito da arrumadeira, da cozinheira e do cocheiro; nem sequer sei direito como eles se chamam. (...)

— Diga: será que por acaso a senhora recebia alguém em sua casa à noite, sem que seu marido soubesse disso? (...)

— Não sei se o senhor tem o direito de me fazer semelhantes perguntas. Não lhe responderei a elas. (...)

— Veja a senhora se me desculpa. A justiça precisa saber de tudo. Para nós, é extremamente importante esclarecer como o assassino conseguiu invadir seu apartamento. Tenho, aqui comigo, alguns dados de que, no ano passado, a senhora mantinha relações íntimas com o tenente Alexandr Vorsínski e de ter amiúde recebido o senhor Vorsínski, enquanto seu marido estava em Varsóvia, permanecendo ele em sua casa até altas horas da noite. Depois, ao envolver-se com o artista liberal Modest Nikândrovitch Ilêtski, a senhora também... (Briússov, 2024, pp. 50-51)

No vórtice dessa pequena e candente obra-prima reside a metáfora de uma atmosfera de inquietações do ser frente ao obscurantismo de então, razão por que a sua circulação foi seriamente prejudicada, quase um anátema, porque afrontou o espírito arraigado daquele período ao enfrentar tabus e dogmas, entre os quais a insubmissão, a liberdade de sentir e agir femininas, a entrega à sensualidade e ao incesto homoerótico, ousadias imperdoáveis à vida e à literatura. Daí o acento radical e a atualidade de uma aguda expressão artística que não se eximiu em tangenciar questões, temas e mazelas individuais e coletivas canceladas pela moral social e política de antanho (e, por que não dizer, também de hoje?), o que confere ao livro um caráter revolucionário e incorpora um sentido universal, humanista e contemporâneo.

A leitura desse texto permite-nos também perceber a versatilidade do autor, ao emprestar universos oníricos às investidas de sua personagem, intercala-se a

sensação de estarmos diante de uma cena shakespeariana ou, noutro salto narrativo, quando vamos nos deparar com nuances de uma outra aventura, quase delirante, de Tália, como ocorre nos flagrantes do passeio descritas nas anotações de "18 de outubro: tarde da noite", em que ela se vê envolvida como se fora a névoa de um sonho, na fronteira entre o vivido e o imaginado, convertido num encontro fugaz e com nítido acento sado-quixotesco, que se conclui num hotel e de onde ela sai após constatar, num lampejo, a dureza do real na sua entrega clandestina:

Despedindo-se de mim, não sem hesitação, ele colocou uma nota de vinte e cinco rublos em minha mão. Aceitei-a. Aqui está o primeiro pagamento que recebi por vender meu corpo. Aliás, não: era meu marido que antes me pagava pela mesma coisa. (Briússov, 2024, p. 64)

Há de se destacar, sobretudo no manejo da linguagem, essa habilidade do autor em fundir cenários, em que a realidade e a fantasia, numa moldura de sofisticação estilística, mesclam-se em inusitada simbiose, emprestando ao romance uma faceta de plasticidade quase barroca.

Se Volódia (frágil e atormentado pela paixão, cuja chantagem reiterada – "Se for embora, eu me matarei" – finalmente se consumaria) e Modest disputavam o amor ou a posse de Tália, tampouco essa se concedia o benefício da dúvida ou a oportunidade de decidir, pois havia um mistério, para além de sua indisponibilidade, a ser resolvido: descobrir o assassino de seu marido. A chave para desatar esse nó está entregue e coube a Modest, que ao confessar o crime, sem titubear, assegurando que o fez não para usufruir, como ela suspeitava, a herança deixada por Viktor:

— Eu te juro por tudo quanto for sagrado e reconhecido como tal por nós dois, juro pela Arte, juro pelo Amor, juro pela Morte (aquelas letras maiúsculas estavam em sua voz) que não é verdade! Fiz aquilo para te possuir inteira. Se conheceres minha alma, debes entender que o dinheiro em si não pode ser uma tentação para mim. Matei, sim. Matei para chegar ao derradeiro limite do meu amor. Matei para ficar consciente de ter sacrificado tudo por amor a ti: meu nome, minha vida, minha consciência. Quis ficar convicto da minha força e saber se era digno de te possuir. Eis-me aqui, derrotado: vi que era impotente, como todos os outros, vi que era indigno de ti, e tu me rejeitaste, e eis que aceito essa sentença minha com docilidade. Castiga-me agora, que tens pleno direito a tanto, mas não me ofendas com essas suspeitas que não mereci. (Briússov, 2024, p. 81)

Dando voltas em sua invencibilidade, a retórica de Modest faz-lhe curvar a cerviz, por um certo tempo:

— Não, Modest, não! Não te chames de derrotado! Nada daquilo que eu te disse e escrevi é verdade. Eu te amo e serei tua, sim; tua mulher, tua escrava, o que quiseres. E tu vais viver, e seremos felizes! (Briússov, 2024, p. 82)

Porém, ao concluir suas anotações, assim define Tália em sua aflitiva e reveladora descoberta, o seu lugar nesse mundo em que a impossibilidade de um amor convencional, obstruído pela punição e pelo cárcere do amante, a obriga a migrar para viver outro amor, noutras latitudes libertárias, alterando novamente o curso de sua vida – e aí o relato encontra na reviravolta o seu clímax, uma espécie de redenção, em que toda a culpa (ou indecisão? ou condenação perante a sociedade?), tormenta e enigma se dissipam e impõe-se um "*turn of point*":

Daqui a poucos dias, partirei para o Sul da França. Não tenho mais forças para morar na Rússia, onde meu nome se tornou sinônimo de tudo o que houvesse de vergonhoso. Não ousou aparecer em público, pois haverá quem me aponte com o dedo. Temo encontrar meus conhecidos na rua, pois não sei se vão querer cumprimentar-me. Nenhuma das minhas amigas de antes veio para me expressar sua compaixão. E agora eu daria valor até mesmo às suas consolações! (...)

Lídotchka partirá comigo. Sua fidelidade, seu carinho, seu amor são a última alegria da minha existência. Oh, mas preciso tanto daquele toque afetuoso das mãos e dos lábios de uma mulher! (Briússov, 2024, p. 93)

A força e originalidade de *As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher* residem justamente na proposta de mergulhar nos campos afetivo, espiritual, psicológico e ético de uma personagem enredada nas tramas e no fluxo sombrio que o destino colocou à sua frente, tal como ocorre com as contradições, ambiguidades e paradoxos intrínsecos às mudanças de parâmetros originados nas transformações sofridas pela Rússia ao longo de sua conturbada História.

Ronaldo Cagiano,
Lisboa, primavera de 2024.

SOBRE O AUTOR

Um dos maiores poetas russos do século XX, Valéri Yákovlevitch Briússov (1873-1924) nasceu em Moscou, numa família culta e abastada. Começou a escrever versos aos 13 anos de idade. Estudou na Faculdade de História e Letras da Universidade de Moscou. Ao estrear na literatura, em 1895, com a seleta poética *Chefs-d'œuvre*, ficou reconhecido como criador e líder do simbolismo literário na Rússia. Publicou diversos livros de poesia (*Tertia Vigília*, 1900; *Urbi et Orbi*, 1903; ΣΤΕΦΑΝΟΣ, 1905; *Todos os Cantos*, 1909; *O Espelho das Sombras*, 1912; *As Sete Cores do Arco-íris*, 1916, entre outros), além de romances (*Anjo de Fogo*, 1907; *O Altar da Vitória*, 1913), novelas (*As Últimas Páginas do Diário de Uma Mulher*, 1910) e contos. Dedicou-se igualmente à crítica literária, traduziu várias obras poéticas do francês, inglês e outras línguas europeias. Foi um dos dirigentes da casa editorial *O Escorpião* (1899-1915) e da revista *A Balança* (1904-1909). Após a revolução de 1917, colaborou com o governo comunista, chegando a ser presidente da União dos Poetas Russos e reitor do Instituto Superior de Literatura e Arte. Faleceu em Moscou, cidade em que passou a maior parte de sua vida.

SOBRE O TRADUTOR

Nascido em 1971, na Bielorrússia, e radicado no Brasil desde 2005, Oleg Almeida é poeta, ensaísta e tradutor multilíngue, autor dos livros de poesia *Memórias dum Hiperbóreo* (2008), *Quarta-feira de Cinzas e Outros Poemas* (2011), *Antologia Cosmopolita* (2013), *Desenhos a Lápis* (2018) e de numerosas traduções do russo (Dostoiévski, Tolstói, Púchkin) e do francês (Baudelaire).

SOBRE O ENSAÍSTA

Mineiro de Cataguases, Ronaldo Cagiano se formou em Direito, viveu em Brasília e São Paulo, e atualmente está radicado em Portugal. Publicou diversos livros de poesia e ficção (inclusive *O Sol nas Feridas*/2013, finalista do Prémio

Portugal Telecom); venceu o Prêmio Brasília de Produção Literária de 2001 e obteve o 3º lugar no Prêmio Jabuti de Literatura em 2016 com os livros de contos *Dezembro Indigesto* e *Eles Não Moram Mais Aqui*, respectivamente. Escreve resenhas e artigos para diversos jornais e revistas; organizou várias coletâneas de literatura brasileira contemporânea.

Coordenação Editorial: Frederico Machado

Conselheira Editorial: Arlete Nogueira da Cruz Machado

Tradução: Oleg Almeida

Revisão: Ricardo Marques

Posfácio: Ronaldo Cagiano

Capa: Antáres Anderson

Pintura da capa: “*A Jovem Decadente*”, de Ramón Casas.

Diagramação: Kerly Ferreira

Produção do livro digital: Booknando

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catalogação na Fonte

Briússov, Valêri. (1873-1924)

B862u As últimas páginas do diário de uma mulher / Valêri Briússov.

Tradução e notas de Oleg Almeida. – 1ª edição. – Teresina: Halley

S/A Gráfica e Editora, 2024. (Coleção Terrae Incognitae)

116 p.: il. 12,5 x 19 cm

ISBN: 978-65-86569-34-6

1. Literatura Russa – Romances 2. Literatura Clássica I. Título

CDD – 891.71

Ficha Catalográfica: Bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei nº. 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.